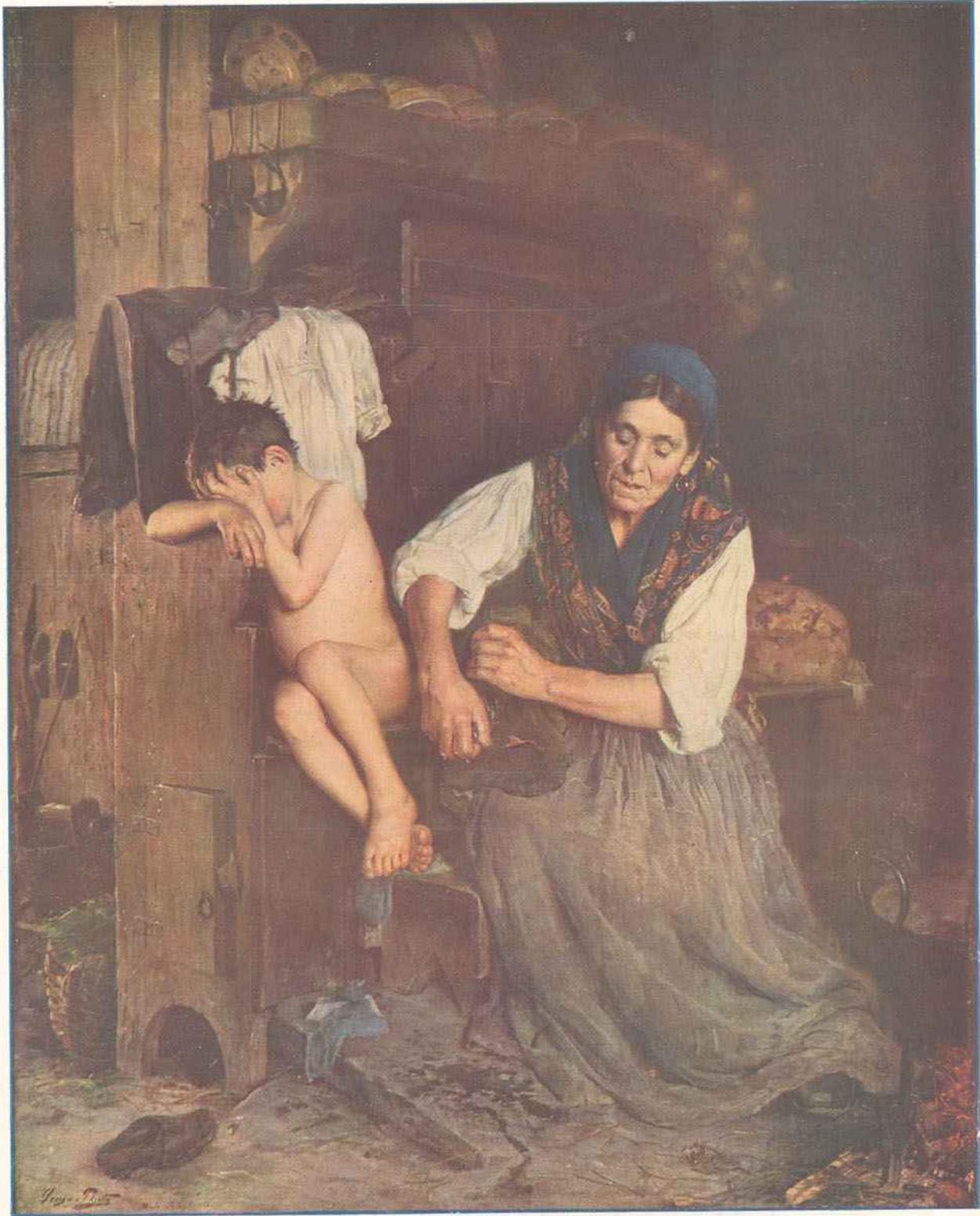


ILUSTRAÇÃO



MOLHADO ATÉ AOS OSSOS

(Quadro de Sousa Pinto)

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

- Álgebra Elementar**, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs. 13\$00
- Aritmética Prática**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. 13\$00
- Desenho Linear Geométrico**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. 12\$00
- Elementos de História da Arte**, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. 25\$00
- Elementos de Mecânica**, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. 12\$00
- Elementos de Metalurgia**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 págs., com 121 grav. 20\$00
- Elementos de Modelação de ornato e figura**, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12\$00
- Elementos de Projecções**, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. 18\$00
- Elementos de Química**, pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15\$00
- Escrituração Comercial e Industrial**, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs. 12\$00
- Física Elementar**, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. 15\$00
- Geometria Plana e no Espaço**, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav. 15\$00
- O Livro de Português**, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. 12\$00

MECÂNICA

- Desenho de Máquinas**, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est. 30\$00
- Material Agrícola**, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras 15\$00
- Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav. 15\$00
- Problemas de Máquinas**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 págs., com 170 grav. 18\$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

- Acabamentos das construções**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav. 17\$00
- Alvenaria e Cantaria**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 288 págs., com 337 grav. 15\$00
- Cimento Armado**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav. 28\$00
- Edificações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 191 grav. 17\$00
- Encanamentos e Salubridade das habitações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras 15\$00
- Materiais de Construção**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav. 30\$00
- Terraplenagens e Alicerces**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 págs., com 230 grav. 15\$00
- Trabalhos de Carpintaria Civil**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 410 págs., com 464 grav. 20\$00
- Trabalhos de Serralharia Civil**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 360 págs., com 442 grav. 18\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

- Construção Naval, IV volume** (Construção de navios de ferro) pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 págs., com 298 grav., formato 16 x 22. 12\$00
- Construção Naval, V vol.** (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 págs., com 138 grav., formato 16 x 22. 12\$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

- Condutor de Automóveis**, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.
- Condutor de Máquinas**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. 25\$00
- Electricista (Novo Manual do)**, pelo eng. Hugo Pinto de Moraes Sarmiento — 1 vol. com 436 págs. e 246 grav. 25\$00
- Fabricante de Tecidos**, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. 25\$00

- Ferreiro**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 115 grav. e 34 estampas. 15\$00
- Fogoeiro**, pelos eng. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav. 18\$00
- Formador e Estucador**, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras 12\$00
- Fotógrafo**, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav. 12\$00
- Fundidor**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15\$00
- Galvanoplastia**, por André Brochet, tradução de Manuel Vêres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav. 18\$00
- Marceneiro**, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas 20\$00
- Motores de Explosão**, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav. 30\$00
- Navegante**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras 15\$00
- Pilotagem**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras 17\$00
- Serralharia Mecânica**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs., com 395 grav. 20\$00
- Topografia e Agrimensura**, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 434 págs., com 282 grav. 22\$00
- Torneiro e Frezador Mecânicos**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav. 17\$00
- Vocabulário de Termos Técnicos**, pelo eng.-maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs. 30\$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

- Indústria Alimentar**, por Pedro Prostest — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14\$00
- Indústrias de Fermentação**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav. 14\$00
- Indústria de Sabões e Sabonetes**, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. 10\$00
- Indústria do vidro**, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav. 15\$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND-Rua Garrett, 73-75-LISBOA

**GRAVADORES
IMPRESSORES**

Bertrand, Irmãos, L.^{da}

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

ACABA DE APARECER

a 2.^a edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Unofriana)

1820-1846

por **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor ROBERTO SANTOS, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, Esc. 8\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 8\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocárdio
O síndrome de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 51, 1.^a — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

Acaba de ser posta à venda a 10.^a edição de

F Á T I M A

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 578 páginas, com uma capa artística a côres e ouro, de ALBERTO DE SOUSA, Esc. 12\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso
e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

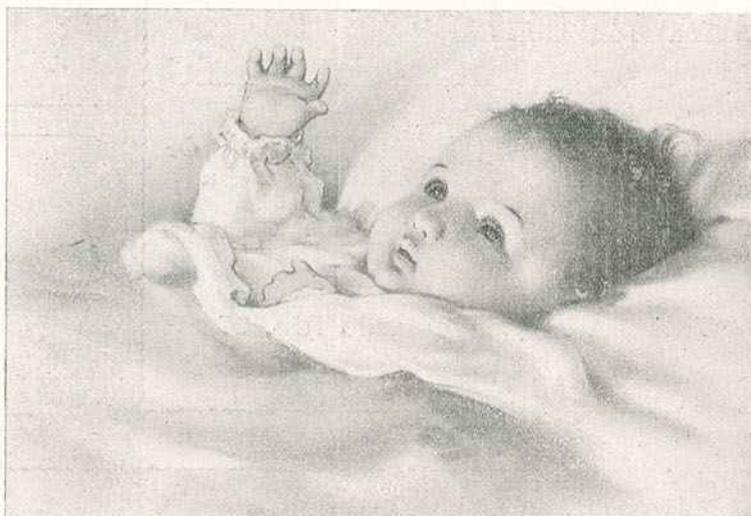
DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES,
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 15\$00

Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a cores

1 vol. de 368 págs., broc., Esc. 16\$00; enc., Esc. 20\$00
Pelo correio, à cobrança, mais 1\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR Fernando Perfeito de Magalhães

Com um prefácio do Prof. Dr. Agostinho de Campos

1 vol. com muitas gravuras, algumas a cores, representando
projectos de construção de moradias etc., broc. Esc. 10\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 11\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., Esc. 12\$00; enc., Esc. 17\$00
Pelo correio, à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A primeira obra comemorativa
do terceiro centenário da Restauração
ACABA DE APARECER

A RESTAURAÇÃO

POR EDUARDO BRASÃO

Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato
do rei D. João IV, broc. Esc. 18\$00
Pelo correio à cobrança . . Esc. 20\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

INCENDIOU-SE misteriosamente no Havre o grande paquete francês *Paris* que transportava, além de dez aviões, comprados pela França à América do Norte, jóias e obras de arte avaliadas em 75 milhões de francos que eram destinados à Exposição de Nova York. Todo este recheio se salvou, felizmente.

Qual seria a causa do sinistro? Tratar-se-ia de um curto circuito? Ter-se-ia originado o fogo na padaria do navio, onde tudo funciona electricamente?

Embora o comissário do Havre se in-

A MISTERIOSA PERDA DO PAQUETE "PARIS"

clinasse para esta última hipótese, o prefeito do Sena Inferior é de opinião de que a origem do incêndio não podia ter sido casual.

E as hipóteses fervilham...

Vem a propósito dizer que, em nove anos, a França perdeu cinco grandes barcos, ficando a origem dessas catástrofes envoltas no mais denso mistério.

No dia 22 de Maio de 1950 perdeu-se o *Asia* no Mar Vermelho, arras-

tando numerosas vítimas.

Dois anos depois, isto é, em 16 de Maio de 1952, perdeu-se

o *George-Phillipar*, no Oceano Índico, perecendo muitos passageiros.

No ano seguinte, em 4 de Janeiro, perdeu-se o *Atlantique* ao largo do porto de Cherburgo.

No dia 5 de Maio de 1938 perdeu-se o *Lafayette* no porto do Havre.

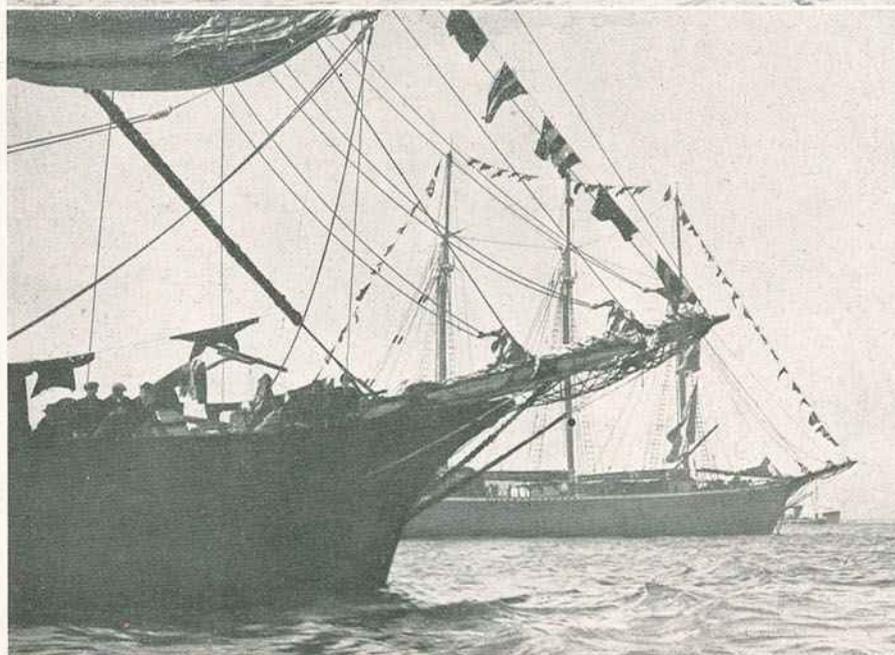
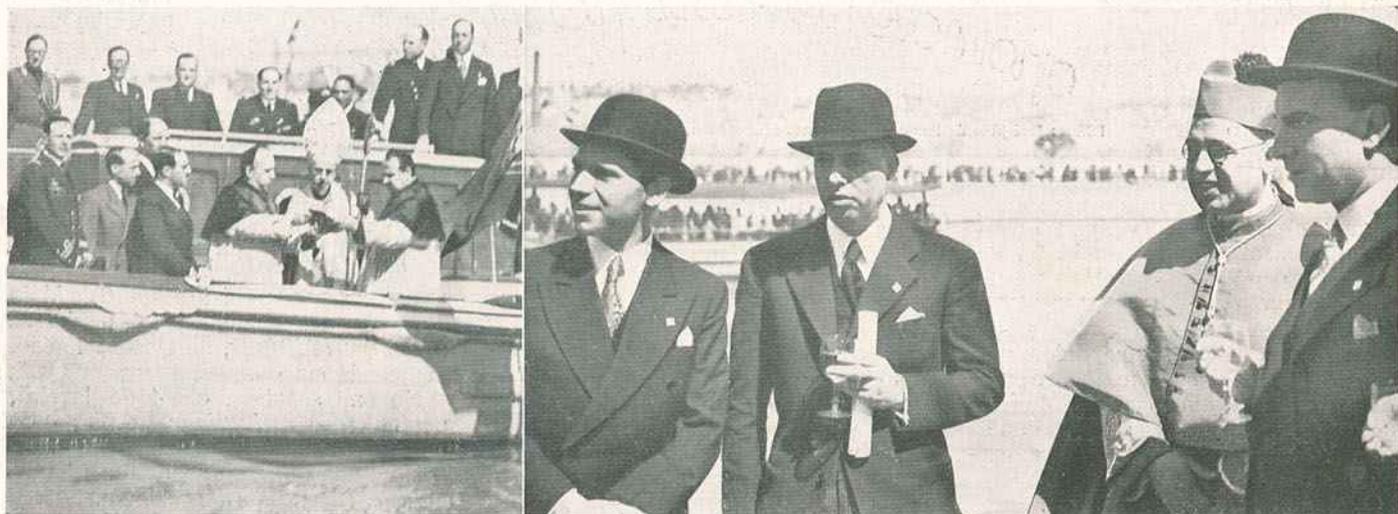
Agora, perde-se o *Paris*. Como explicar mais este mistério?

As autoridades competentes procuram afincadamente apurar a verdade, a intenção de evitar futuras catástrofes...

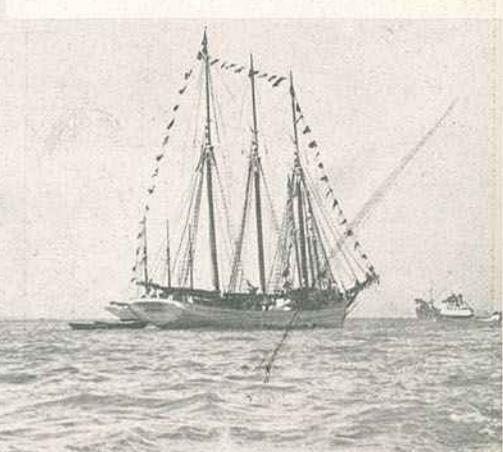


Um aspecto do Havre, vendo-se o paquete «Paris» em chamas

A BENÇÃO AOS LUGRES BACALHOEIROS



Em cima à esquerda: O sr. Arcebispo de Mitilene lançando a bênção aos lugres bacalhoeiros. — À direita: Os membros do Governo e o sr. Arcebispo de Mitilene durante a revista à frota bacalhoeira. — Ao centro: Um aspecto do Tejo durante a cerimónia. — Em baixo: Alguns dos lugres embandeirados em arco momentos antes de lhes ser lançada a bênção.



NOTAS DA QUINZENA



O chefe do Estado na presidência da sessão inaugural da «Semana das Colónias», na Sociedade de Geografia. Na gravura, vê-se o sr. major Carvalho Viegas, governador da Guiné que proferiu uma interessante exposição sobre a colónia da Guiné, a colónia com «superavit» e em franco progresso



O eminente escritor dr. Júlio Dantas discursando na inauguração da exposição do IV Centenário de Garcilaso de la Vega, na Biblioteca Nacional — A' direita: Os membros da associação «Le Génie Français» que vieram visitar Portugal, no Instituto Francês

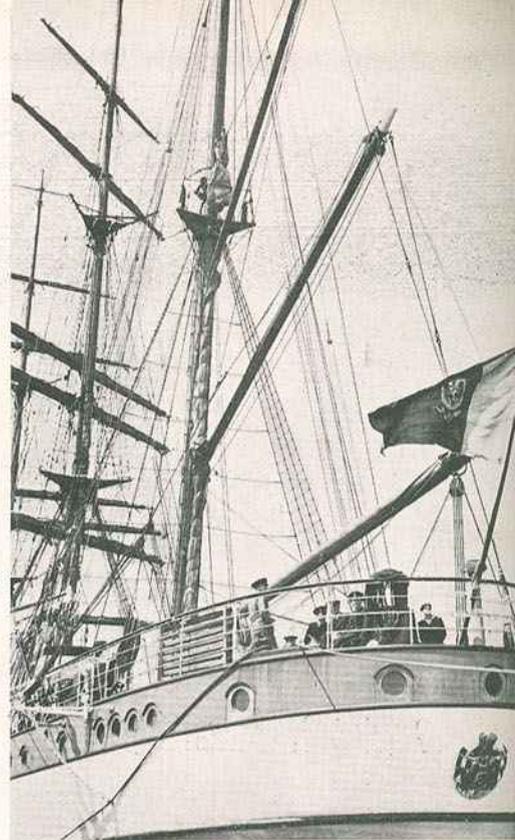


Grupo de meninas que tomaram parte, há dias, na festa realizada em casa do sr. engenheiro Ernesto Bastos, consul da Romenia. (Foto Serra Ribeiro).

ECOS DA QUINZENA



O grande tenor Antônio de Andrade, no dia do seu 85.º aniversário natalício, recebendo na sua residência na Calçada da Estrêla as pessoas que o foram cumprimentar. Tôdas essas pessoas ali foram levar-lhe as congratulações e as homenagens de que é crêdora a figura inconfundível do grande artista lírico, cuja glória ecoou por tôda a Europa. Nessa pequena sala tôda ornada de tão preciosas relíquias pairou um murmúrio de evocações que se fizeram com respeito e com admiração e quási com religiosidade.



Em cima: O navio-escola «Mircea», da Armada romena, acabado de construir em Hamburgo e que visitou o Tejo. Este barco é à vela e a motor. — Em baixo: O comandante August Roman saindo de bordo para ir apresentar os cumprimentos oficiais nos ministérios da Marinha e dos Negócios Estrangeiros, no Governo Civil, Câmara Municipal e governador militar.



O sr. ministro da Marinha saindo do hidro-avião «Yankee Clipper» que regressou da viagem ao norte da Europa, amarrando na base aero-naval de Cabo Ruivo. Este avião voltava da viagem experimental para o estabelecimento das carreiras entre a Europa e América do Norte.



O CURIOSO HORÓSCOPO DE OLGA TCHECOVA

PARECE que voltamos aos supersticiosos tempos da Idade Média, em que o destino era revelado por horóscopos.

Agora é o astrólogo Ra Sabini Yog que nos vem revelar o destino da encantadora estrela cinematográfica Olga Tchecova.

Diz êle:

"Olga Tchecova nasceu numa tarde de Abril — dia 26 — e feitos os necessários calculos tão complicados como misteriosos, verificou-se que na hora do seu nascimento subia pelo Este o signo da Virgem.

A sua estrela dominante, portanto, é o planeta Mercúrio.

Na mitologia, Mercúrio representa a astúcia, que todos consideram como o inspirador da gente de mau carácter e de proceder nem sempre honrado.

No entanto, a encantadora Olga não merece isto.

É que, em astrologia, Mercúrio tem uma significação completamente oposta. Este planeta concede a todos os seus protegidos sabedoria e talento oratório. Os seres nascidos sob a sua influência fazem os seus estudos com a maior facilidade e os seus conhecimentos atingem variadíssimas facetas.

Como Mercúrio se encontra na cons-

telação de Touro, muito perto das telas fixas Argool e Pléiade, indica a ameaça de perigos.

Mas como Júpiter — êsse formidável Júpiter — é o ditador tirano das estrelas, e se encontra exactamente no ponto do nascimento, a 12 graus da Virgem, converte-se em bom guardião, e faz com que tudo se conjure, e que os perigos sejam reduzidos a nada. Devemos salientar que esta posição de Júpiter é tão extraordinariamente rara que difficilmente se repetirá em qualquer outro horóscopo.

Júpiter ajuda o mortal a adquirir poder e riqueza, e graças à sua influência leva-o a empreender numerosas viagens.

Assim se explica que a formosa Olga Tchecova, nascida na Rússia, tenha viajado e percorrido o mundo inteiro, e tenha conseguido alcançar a glória fora do seu país.

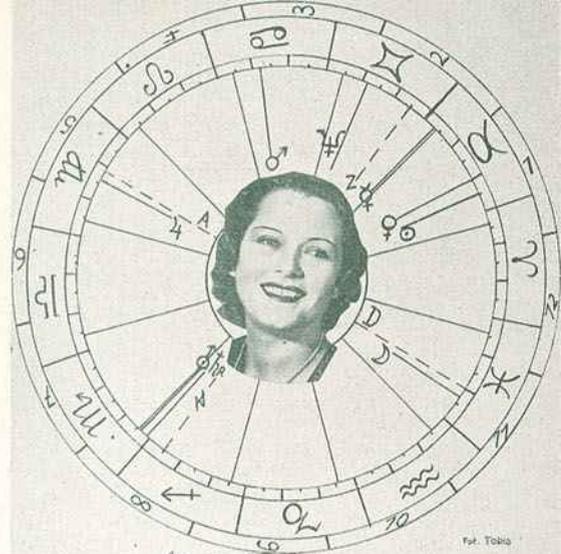
O facto de Júpiter formar em Virgem com a conjunção do Sol e de Vénus um trígono perfeito, é o bastante para assegurar à artista grandes êxitos na sua actividade, e influir na sua fortuna de uma tão decisiva maneira que representará uma sólida garantia a velar por ela até na sua velhice.

Por outro lado, esta posição das estré-

las contribui para que esta formosa mulher sinta profundamente a dôr humana, uma viva simpatia pelos desprotegidos da sorte, e que na sua alma palpita um elevado sentimento ante todas as causas em que reinem a justiça e a probidade. Se Olga Tchecova tivesse seguido a vida forense, teria sido uma grande advogada, e conseguiria ganhar todas as causas em que intervisse.

Verifica-se que nunca repele os que se aproximam dela a pedir auxílio. Os planetas certificam êste facto.

A Lua está situada aos



nove graus de Piscis, e, ao mesmo tempo, na casa sétima do horizonte e na undécima posição do Sol. Isto nos explica que Olga Tchecova tenha conseguido realizar tão extraordinários êxitos artísticos e apresente essa atracção pessoal tão sua que lhe faz grangear tantos amigos e admiradores.

Do facto de as constelações de Peixes e Toiro formarem um sextil, a Lua conserva a mesma posição favorável com Júpiter por ascendente. Desta maneira, a data do nascimento de Olga Tchecova, encontra-se sob Júpiter e em frente da Lua.

Os astrólogos alegram-se com êste facto que anuncia felicidade, o mesmo devendo suceder com os numerosos admiradores da artista.

Marte, o grande dispensador de energias, de fôrça e de dinamismo, encontra-se de visita na casa de Caranguejos, a undécima do horizonte.

Um trígono com a Lua descendente, um sextil com o Sol, Vénus com o Toiro e um trígono com o planeta do destino: Urano, no signo passional de Escorpião, tornaram esta mulher uma grande artista.

Embora surgissem, mesmo assim, muitos obstáculos no seu caminho, ela conseguiu vencê-los, graças à sua fé constante e à sua férrea vontade.

Olga Tchecova é uma verdadeira enamorada dos contrastes e sente-se atraída pelos seres, cujo carácter esteja em opposição com o seu.

Não será muito feliz em amores, e deve ter sofrido muitas desilusões.

Verifica-se que quanto maiores são as dificuldades, maior é o empenho que ela sente em vencê-las, embora tenha de fazer sofrer muito por não amar e poder ser amada como desejaria. Acalenta um grande desejo de ser compreendida e de poder mostrar-se tal como é na realidade. Gostaria de oferecer o seu coração, que é como o de uma criança, mas não conseguirá nunca encontrar quem seja digno dêle.

No mundo em que gravita, esta artista ficará sempre incompreendida, e ninguém entenderá a sua grandeza.

Apenas a sua arte será a sua fiel e verdadeira amiga e só nela poderá confiar.



Olga Tchecova



Estátua de Brotero, por Soares dos Reis

PARIS, neste regresso custoso, já não era o seu Paris. Ou a cidade se tinha modificado depois da guerra ou a sua visão se transformara. Esta sensação de desapontamento sente-a todo aquele que por lá se perdeu em estúrdias de mocidade ou paixões de estudante, quando a visita anos após, já mais sisudo ou menos iludido. E então, quando houve uma guerra de permeio, a decepção é angustiosa. Paris é a mulher mais volúvel do Mundo. Soares dos Reis compreendeu-o nessa ocasião e, sósninho, sentado a uma mesa de terraço próximo do Sena, com a Notre Dame na frente e a massa augusta do Louvre a vigiar o arvoredado das Tulherias, ficou-se esquecido em cismas, ouvindo o passado e vendo o seu Paris de há quatro anos. Quatro anos apenas e tudo parecia longe!...

A gritaria da estudantada patusca e boémia por aquele cais além!... A algarria do 4-2-arts, das corridas a Robinson ou ás florestas de Barbison onde Millet se refugiara com os seus satélites!... Os bailes nas *guinguettes* da beira-rio, fora de portas, com barquinhos

cheios de raparigas alegres, de pescadores á linha e de camaradas seus, atordoados de paixão!... E via êsses rapazes, com uma pasta de aguarelas debaixo do braço, um bengalório em punho, o cachimbo nos dentes e o chapéu á Murger sombreando-lhes a trunfa encanudada pelas amantes... Ou então, típicos *rapins* pobretanas, pitorescos com a sua boina de veludo negro e capindó romanesco, com as calças de bombazina talhadas em baíão como as favoritas, a cabeleira a emoldurar-lhes a face de cera e a espreguiçar-se-lhes pelo cachão abaixo, num desalinho composto que espicaçava o romantismo das moças dadas a macacinhos no sótão e a aventuras boémias. Tóda aquela matilha barulhenta e feliz, enleada nos modelitos garotos de perna ao leu e beijos á solta, traquinhas sem rei



Soares dos Reis, por António Carneiro

nem roque e indumentadas conforme cahava e Deus era servido, umas a deitarem para napolitanas de Montmartre e outras para safadonas de alcoice, pinturiladas como madamas ricas, doidivanas ao Deus dará da sorte e do amor, num gaudío que fazia bem ao peito só de vé-las rir, sem convenções nem cuidados, sem tristuras nem pensares, livres como os pássaros, porque a vida eram dois dias e enquanto se era fresca é que se devia gozar, visto depois de usadas não faltar cubículo de *consierge* para agasalho ou ni-nho de amigo para casa e pucarinho, tóda aquela matilha — pensava o nosso sonhador — tinha desfalecido numa miséria inesperada, de fome e perdição. Longe ia o tempo em que as raparigas das portas dos ateliés, iguais áquelas que deixara agora na Piazza di Spagna, sonhavam loucamente que o mundo não desse uma volta, das trapeiras iriam para

Breves apontamentos Quando o grande escultor

a um palácio encantado, com corôa de duquesas e um pagem poela.

Tóda aquela ramboia da mocidade, pagodeira e carnavalesca no aspecto, mas simpática de ilusões, ferida, é certo, a delicadeza acanhada do nosso antigo caloiro da Escola Imperial, *le grand portugais qui n'était pas gai*; mas ainda assim, antes ela do que esta precissão de sexta-feira santa. Tudo era feliz, á sua maneira; sonho, louçania, boémia e ambições, sendo cada boca uma cantiga e cada cantiga um beijo que ia direlto ao coração:

— *Vivent les étudiants,
Ma mere!
Vivent les étudiants...*

e pelos cais fora, petiscando aqui, bebericando acolá, a caminho do Bairro Latino ou dos bailaricos de Montrouge, numa grialadeira de marcos á hora das migas, cada modelito era uma gata ciosa e cada pintor era um desejo sem polí-cia.

Os entusiasmos dos concursos! As febres, as canções, a esperança e as lutas das aulas, dando cada um o melhor de si, sem invejas, sem maldades, até á chegada do *patron*, o Mestre Amigo e Camarada, que guiava sem impor dogmas, morto pelo triunfo de todos no dia da estreia no *Salon*!...

Naturalmente os passos do nosso Artista dirigiram-se para a rua da nossa escola, matando saudades e na mira de topar colega com quem recordar. Mas tudo tinha mudado. Lá encontrou no pátio grande, acorados, mastigando côdeas, marralhando, os grupos de modelões á espera de chamada: as velhas, atafeladas á maneira do Tirol, para que lhes pegassem para quadralthões de género, palrando num lamuriento charabá italiano, a descomponerem, ciumentas, os velhotes gê-bos, de guedelha longa e barbaças de profeta, magros que nem crucifixos espanhóis, que de *brule-gueule* a sumir-se-lhes no pêto da cara, nem resposta davam á taramela das matronas. Piemonteses e abrusinos, emigrados na mira de matar a fome sem muito esforço e sem manchem a folha corrida, posavam para Uliesses e para S. Jerónimos, a três francos por sessão, visto a vida lhes ser madrastra e lhes ter faltado, em novos, a geiteira para armarem em bailarinos ou se pouparem para aconchegos de principesas, lá para as suas bandas, onde os garbosos são apreciados. E nas suas queixas, apesar da desventura que se adivinha nas menltras, tudo eram contos de fadas e caramenthos presunçosos, ignorando a desgraça re-fletida no seu olhar baço, esfaimada de zelos e de quaisquer comodidades, fitando as pessoas como quem rumina na mocidade perdida, cheirosos a alcoole e a mi-

sobre Soares dos Reis voltou ao seio de Paris

séria, parlapatando, embora, sôbre comésáinas e amores de folhetim.

Pobres párias, pobres restos dum lixo sem sorte, que ali há anos, sem saírem da cêpa torta, aguardando pintor que lhes pegue ou doença que os atire á vala comum, causaram tal tristeza ao nosso Artista, que perdida a coragem de ir mais além do pátio, fugiu para o albergue, preparando as malas para seguir viagem! Não, não! Paris era outro!...

★

Ansioso por chegar a Portugal, apercebia-se dolorosamente de quanto ficara saúdoso de Roma, dos seus museus, do aspecto líubrico e feliz da Cidade Eterna!...

A maior pena que tinha, era ver o seu peccíto tão reduzido que não lhe permitia uma nova romagem pelas antigas cidades de Arles e de Nimes, que tanto o



Dem-me-queiras, mal-me-queiras!
Estátua de Simões de Almeida — Desenho de Soares dos Reis

haviám contentado quando da sua estadia em França, assim como os museus de Lyon e mesmo o porto de Marselha, onde vagueara horas felizes, embalado em doces pensares, subindo ao monte da Senhora de La Garde para dali ouvir, nas ondas, notícias duma aldeia pequenina, lá mais ao ocidente. E Deus sabe quanto gostaria de voltar a Londres, repetir o calvário da vadiagem por amor da arte, em cata de análises que, quando mais novato, não tivera a ventura de saber colher! Agora sim! que aprendera melhor o "quanto mais se aprende menos se sabe," por muito mais querer!...

A caminho dos Pirineus, contentou-se com as miragens fugidias duma ou outra tórre de igreja, e nem em Baiona pudera



[Soares dos Reis — Curvilo por Carlos Reis]

parar para rezar á Catedral, não fôsse o diabo ser-fendeiro e voltar a armar-lhe novo sarilho de esbirros! Atraído pelas famas dos quadros, preferiu estender a viagem até Madrid, não esquecendo de procurar a igreja de Santo Isidro, para admirar as belas obras do seu patricio Manoel Pereira, cuja imagem de S. Bruno na *calle de Alcalá* o exaltava a valer. A outra de Burgos, conlencia-a de estampa e ficaria para a primeira romagem fora de portas, como por sorte aconleceu e até a desenhara para a "Arte Portuguesa", dez anos depois, embora haja quem presume, com justificados argumentos, ter sido delineada sôbre uma conhecida fotografia. Mas fôsse como fôsse, o seu génio não errava nas consultas. Depois, as afinidades de raça, nem sequer se discutem por comparações. Mesmo mudos, dois portugueses se entendem...

★

Passando por Lisboa — já agora era escravo ao itinerário feito, e por mais uns dias maior seria o prazer do regresso! — criou-se um núcleo de amigos com quem desabafara das peripécias da viagem. Leal como um forte, procurou estreitamento de afeições em favor dum ideal comum, porque vinha cheio de projectos, e assim a vitória dos artistas deveria servir a todos com igualdade. Mal familiarizado em enganosos convívios de colegas ou invej os, quem lhe diria nessa hora, que tempos depois teria de se quei-



Retrato de D. Ruyal Soares dos Reis (filha do escultor) pelo pintor Joaquim Lopes

xar dos tecedores de intrigas e de traições, dos tais *fistones* que contribuíram para a grande desilusão final! A êsse propósito falou-se muito pelos centros de cavaco, numas histórias de concursos e numas deslealdades de camaradas, que tanto pela frente o adulavam como pelas costas o codilhavam. Mas êstes pecados nasceram no Paraíso, e os dissabores é que dão razão ás virtudes. Se não houvesse maldade nos homens, reduzidos seriam os sentidos do Mundo e as feras nos governariam.

Aguas passadas que já lá vão... ainda que de sujas deixassem nódoa!...

RUY DE ARAGÃO.



Estátua do Conde de Ferreira, por Soares dos Reis



Atelier de Soares dos Reis quando da sua morte

TEMAS DE HOJE

NADA MUDOU...

PELO que a história nos conta e pelo que vamos vendo pela vida fóra, a humanidade nada tem progredido.

A civilização e o progresso são palavras sem sentido, para este caso.

É tudo exterior, tudo tabuleta reclamativa e mentirosa.

Que importa a fachada sumptuosa, se uma casa por dentro é um pardieiro desmantelado?

Que significam os fatos ricos, elegantes, como encadernação luxuosa de um livro idiota, se por dentro de nós a treva se opõe á luz, se não queremos ver a beleza dum gesto sublime e nos rebaixamos por uma ambição torpe e muitas vezes ridícula.

Que valor tem o brilho duma joia falsa, quando trazemos na alma tesouros maravilhosos de lealdade, bondade e ternura, que teimamos em recalcar bem para o fundo, preferindo a mentira da glória falsificada, tôda aparência apenas, a alguns modestos triunfos, são e indiscutíveis, que mais nos elevam perante a nossa consciência e perante Deus ou seja a consciência universal.

É triste que, depois de tanto rolar de séculos, a gente se veja tal qual, como no princípio.

Os sábios dizem que os extremos se tocam, e têm razão.

Para que serve, então, tanto sacrifício, tantas noites de vigília de cérebros inquietos, se não podemos sair do círculo vicioso das mesmas maldades, das mesmas vilezas, dos mesmos êrros? De que servirá tudo isso, se nós não queremos progredir, se não queremos melhorar?

Quer os homens vistam a toga dos tempos de Nero, as casacas vistosas da época de Luís XV, as calças esticadinhas do fadista dos dias da Severa ou o casaco cintado de agora, êles são sempre iguais.

Loucos pela ambição, traidores no amor, inconstantes, desleais, muito homens e pouco humanos.

Que as donas suspendam a clámide nos ombros nus, ques e avolumem nas crinolinas, que se adelgacem nas saias travadinhas, que arrastem caudas ou mostrem as pernas, são sempre as mesmas mulheres, levianas umas, amantes fieis outras, mas continuando a detestar-se entre si, e a confiar de mais no macho cruel e inconseqüente.

Nada mudou...

Dantes já havia êsse terceiro sexo — o sexo doente, segundo Freud — usando uma gama variada de designações.



O alfenim, o *mignon*, o págem, que passaram a ter em nossos dias um nome menos poético, mas mais expressivo.

Ou, melhor, o nome que sempre deviam ter tido — pois os outros eram apenas elegantes eufemismos.

Assim, pode haver sempre a mesma essência, apresentada em frascos diferentes, para enganar o freguês pacóvio ou ingênuo, se quiserem.

Faz-me lembrar um sujeito que nunca estava contente com os empregados, mas que achava igualmente detestáveis aqueles por quem os substituiu.

E, então, para não se massar á procura de outros, chamava o que tinha e dizia-lhe: — "Você agora já se não chama Antônio, passa a chamar-se Manuel."

E cada vez que se via na necessidade de mudar de servdor fazia o mesmo.

E ficava com a ilusão de ter empregado novo.

Se tôdos eram iguais... Apenas uma questão de nome.

É o caso de sempre.

Também, desde que o mundo é mundo, apareceram criaturas com uma forte aparência de honestidade que era simplesmente uma camada externa, que á mais pequena raspagem desaparecia, dando lugar á falta de honra e de lealdade.

É hoje troçamos ainda com gente desta ordem.

De ingratidão temos a lista longa e cheia. Patifes que exploram a nossa sensibilidade e se aproveitam dos nossos favo-

res, e mal se sentem mais seguros na vida, voltam costas e negam os benefícios recebidos.

Tenho casos para ilustrar as minhas considerações, mas ficam para um outro livro de memórias.

Nada mudou...

A imagem é negra e os optimistas devem talvez não gostar dela, sobretudo aqueles a quem a vida corre sempre igual, sem obstáculos, como a linfa cristalina se escoa por entre as pedras da nascente.

Mas os que têm amassado o pão com o suor do seu rosto, os que se deitam hoje com a preocupação do dia de amanhã, sabem que é assim mesmo, porque a maldade bateu já muitas vezes á sua porta, e algumas ocasiões tiveram também de apreciar a falsa honradez dos amigos falsos e a ingratidão de alguns com quem repartiram as suas magras sotas.

Casos houve e há ainda, excepções a confirmar a regra, flores por entre cardos, graças ao Altíssimo, que mostraram e encontram almas bem formadas, resistindo ao egoísmo que dia a dia pretende invadir o nosso pensar.

O Bem e Mal sempre em antagónica luta, raras vezes vencendo o primeiro.

A rotina ou o progresso, tanto faz.

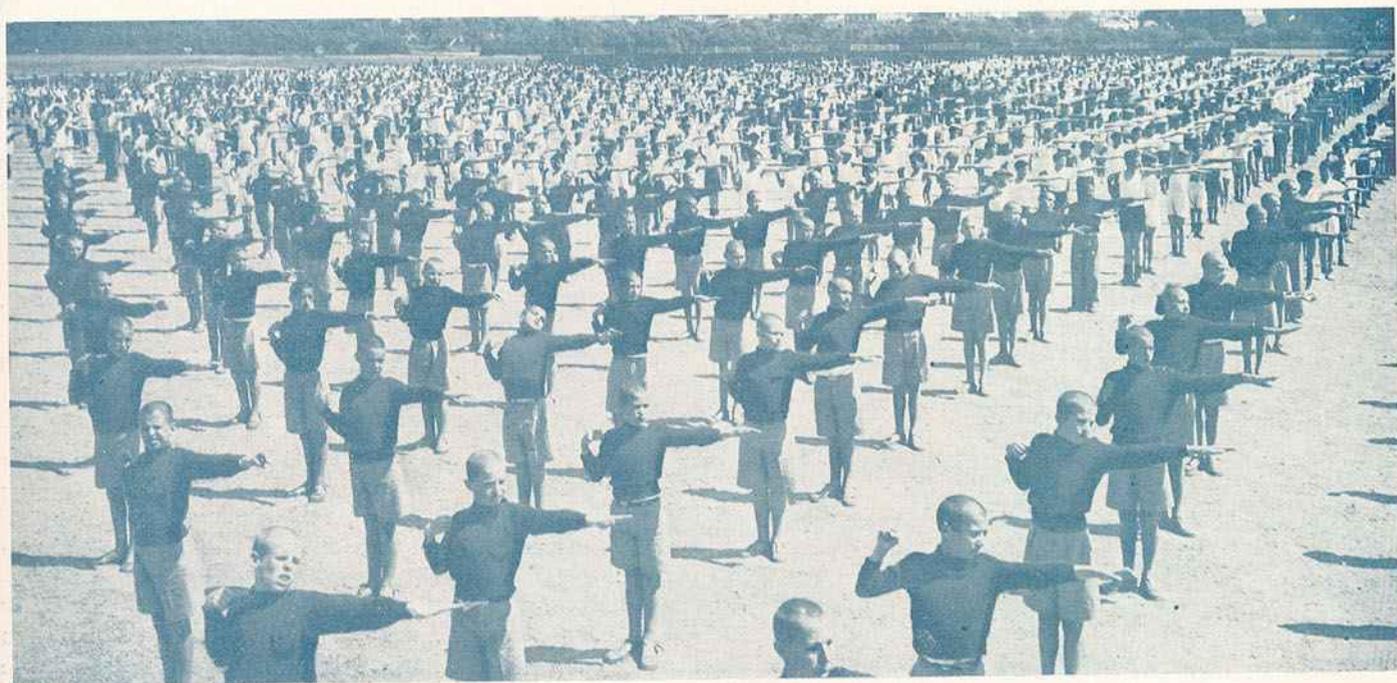
Nada mudou...

MERCEDES BLASCO.

ACTUALIDADES

DA QUINZENA

Os srs. Presidentes da República e do Conselho e senhoras de Carmona e de Araujo Jorge com alguns dos assistentes ao banquete oferecido na Embaixada do Brasil ao sr. General Carmona. — *Ao centro, à esquerda:* A sr.^a D. Maria Judice da Costa com algumas das pessoas que dela se foram despedir a bordo do «Saturnia» que levou a ilustre cantora portuguesa para a Itália. — *A' direita:* O governador civil de Faro com as autoridades civis e militares na festa celebrada no Consulado Espanhol de Faro comemorando o fim da guerra de Espanha. — *Em baixo:* Um aspecto dos exercicios de ginástica no Jockey Club pelos milhares de filia-dos da «Mocidade Portuguesa»





O pintor Sousa Pinto

Mais um grande pintor português que desaparece.

Sousa Pinto, artista de génio, encontrou a morte num desastre de automóvel, quando atravessava a Bretanha.

Era natural de Angra do Heróismo, e completara o seu curso na Academia de



Esboço de Sousa Pinto

Belas Artes do Pôrto, durante o qual conquistou três prémios pecuniários.

No habitual concurso para pensionistas no estrangeiro foi o preferido, não só pelas provas dadas como estudante mas também pelos trabalhos submetidos à apreciação do juri.

Ainda há pouco, o ilustre artista, evocando a sua mocidade distante, citava a viagem que fizera à Póvoa com o glorioso Soares dos Reis. Com as caixas de pintura debaixo do braço, ali foram passar uns 10 ou 15 dias, consoante os meios pecuniários de que dispunham. E, aludindo à predilecção que o mestre sempre manifestara pela Póvoa e pela sua população característica, esboçou em sua homenagem a figura ansiosa e dolorida da mulher dum pescador poveiro, dando-lhe a seguinte legenda: "A' espera dos barcos".

Foi ainda pensando na "Infância do artista", uma das belas obras de Soares dos Reis, que traçou o *croquis* duma criança confeccionando um barquinho de papel, e ao qual deu o título de "Infância dum marinheiro".

Lembrou-se também da noite do pavoroso incêndio dos Guindais, no Pôrto, em que Soares dos Reis focou com o seu lápis mágico essa espantosa catástrofe de há sessenta anos.

"Lembro-me como se tivesse sido ontem — dizia Sousa Pinto — e hei-de lembrar-me sempre enquanto viver.

"Parece-me estar a ver ainda o nosso Soares dos Reis a desenhar o incêndio à luz mortíça dos candieiros. Como um chefe de polícia aparecesse a intimar a dispersão das pessoas que ali se aglomeravam, adiantei-me a informá-lo com uma certa pontilha de orgulho:

"E' o grande Soares dos Reis que faz um desenho para o *Ocidente*."

E Sousa Pinto rematava:

"Fiquei contentíssimo por vêr a delicadeza com que o

D A V I D A QUE PASSA

O trágico fim do pintor Sousa Pinto

Um grande artista que um desastre fez desaparecer

chefe da policia deu ordens aos seus subordinados, no sentido de não incomodarem o grande artista."

Sousa Pinto foi para Paris em 1880 e ali estudou sob a direcção do grande mestre Cabanal, distinguindo-se logo entre os seus companheiros pelas suas raras qualidades de aplicação e inteligência.

Logo após dois anos da sua estada na grande capital, o *Salon* admitiu o seu quadro *Os calções rôtos*, a que tôda a critica se referiu com os mais entusiásticos elogios.

Revelavam-se já no joven artista as superiores qualidades de desenho primoroso, beleza, encanto e suavidade que de todos os seus quadros irradiam e são uma das principais características das suas telas magníficas.

Da alegria enorme que Sousa Pinto deveria ter sentido pelo triunfo alcançado, compartilhou Soares dos Reis que, do seu êrmo de Vila Nova de Gaia, seguindo, enlevado, os progressos do seu muito querido discípulo, lhe enviou o seu cartão com esta frase tão laconica como enternecedora: "António Soares dos Reis chora de contente".

E, aludindo ainda à generosidade do escultor excelso do "Desterrado", Sousa Pinto declarava por entre lágrimas de saúde:

E' realmente extraordinário como a grande alma de Soares dos Reis se reflectia em todos os seus actos! Repartia os proventos já tão escassos da sua colaboração com os discípulos que tinham mais necessidade do que êle! Santo amigo!

Sousa Pinto após o seu primeiro triunfo no *Salon* começou uma constante ascensão na sua arte.

Em 1887 expôs o seu lindo quadro *L'égare*, adquirido para a galeria da viscondessa de Valmor.

No ano seguinte surgiu novo trabalho — o quadro *Molhado até aos ossos* — tela admirável, não só pelo desenho e colorido como pela composição e observação dos pormenores.

A fama do pintor começava a correr mundo sem que o advento dos processos novos e as novas afirmações de arte que

iam aparecendo, lhe entravassem a marcha.

Na Exposição Universal de 1889 alcançou altíssima classificação com outro soberbo quadro *Partida para o trabalho*.

Da lista enorme das suas produções, em que tratou de assuntos, tipos e costumes estranhos ao nosso público, sem, por isso, deixarem de se lhe impôr, citaremos:

"No bosque" (1889), existente no Museu de Monte Carlo; "O barco desaparecido", Museu de Arte Contemporânea, de Lisboa; "A volta dos barcos", adquirido pelos condes de Alto Mearim; "Preparação do barco", adquirido pelo Governador francês para figurar no Museu de Amiens; "A' lareira", Museu de Nice; "Nos campos", Museu de Melbourne, na Austrália; "A entrevista", Museu do Rio de Janeiro; "Colheita de maçãs", comprado para o Museu de Luxemburgo em Paris; "A tempestade", exposto no Salon de 1929; "Depois do vendaval", existente no Museu do Pôrto, etc. A lista é infinitável.

Sousa Pinto passou quasi tôda a sua vida em França, tendo constituído família na Bretanha, região muito sua predilecta como o demonstram tantos e tantos quadros de costumes e paisagem que desse pitoresco recanto francês pintou.

De vez em quando, vinha a Lisboa, dava um salto ao Pôrto, para matar saudades, e de uma das suas últimas visitas veio acompanhado por seu filho, também pintor, cujos trabalhos aqui foram expostos na honrosa companhia dos do seu ilustre pai.

Remataremos com as autorizadas palavras dum severo crítico de arte.

"Sabe-se que Sousa Pinto — escreveu o ilustre escritor Manuel de Moura — reside e trabalha habitualmente fora de Portugal, à luz dum sol menos exuberante que o nosso e sob o azul dum ceu que não tem a limpidez do nosso ceu. Entretanto seria absurdo pensar, e muito mais pretender, que o grande artista, exercendo longe da nossa terra o seu surpreendente labor, pintasse dum modo diverso. A circunstância, porém, de tratar, num largo número dos seus quadros, assuntos, tipos e costumes em regra es-

tranhas ao nosso público, fez despertar nêste a suspeita da presença dum pintor estrangeiro usando um nome português. Nada mais inexacto, contudo. Sousa Pinto mantem-se inalteravelmente português, amando e recordando a Pátria através do coração e da arte. E tanto assim, que pintando em Portugal, em cada uma das obras aqui realizadas, de novo as tintas se lhe diluem naturalmente ao calor do nosso sol e se deixam embeber da transparência do nosso ceu. Possui um profundo instinto de beleza, um forte e firme poder de visão intensificada pela flama pura do seu lirismo emotivo, em permanente sobressalto, e um desejo vivissimo de instilar graça, carinho, suavidade, ainda nas cousas mais simples.

Desenha primorosamente; realiza com uma espontaneidade admirável; tem o sentimento escrupuloso da forma e a simpatia efusiva da côr. E é assim que os seus trabalhos surgem sempre irradiando beleza, encanto, serenidade. Se, na exposição de 1928, todos êstes altos valores foram justamente aquilatados, na de 1932, por mais ampla razão, é lícito esperar dos portuenses, numa eclosão vibrante, e condigna homenagem devida ao insigne pintor vindo até nós rodeado dum maior documentário dos seus extensos méritos, tanto mais que sobre algumas das obras expostas incidiu já, incondicionalmente, a admiração mundial. *Trempe jusqu'aux os; La culotte déchirée; Après l'ouragan e Boudense* — deixem-me exemplificar, são arte pura, estremeçada dum sentimento sem mácula, traduzida numa limpada expressão. Ainda quando, ao lado dêles, não nos desse a exposição outres



Outro desenho de Sousa Pinto

florões docemente abrindo em perfume e luminosidade, teria Sousa Pinto naqueles que deixamos assinalados, por brevidade apenas e não por qualquer outro motivo, a autêntica, a inimpugnável, a indelével afirmação de quanto é verdadeira e nobre a sua arte. Resta consignar que Sousa Pinto é o nosso maior pastelista. Esta feição, pouco menos de ignorada entre nós, do talento do eminente pintor, não completa o esboço da sua capacidade artística, mas acrescenta-lhe, talvez, um traço de indispensável identificação.

Foi êste o grande artista que acabamos de perder, esmagado traiçoeiramente por um desastre de automóvel, quando atravessava a região bretã dos seus mais doces encantos, onde quis construir o seu lar carinhoso.



O pintor Sousa Pinto numa das suas exposições em Portugal

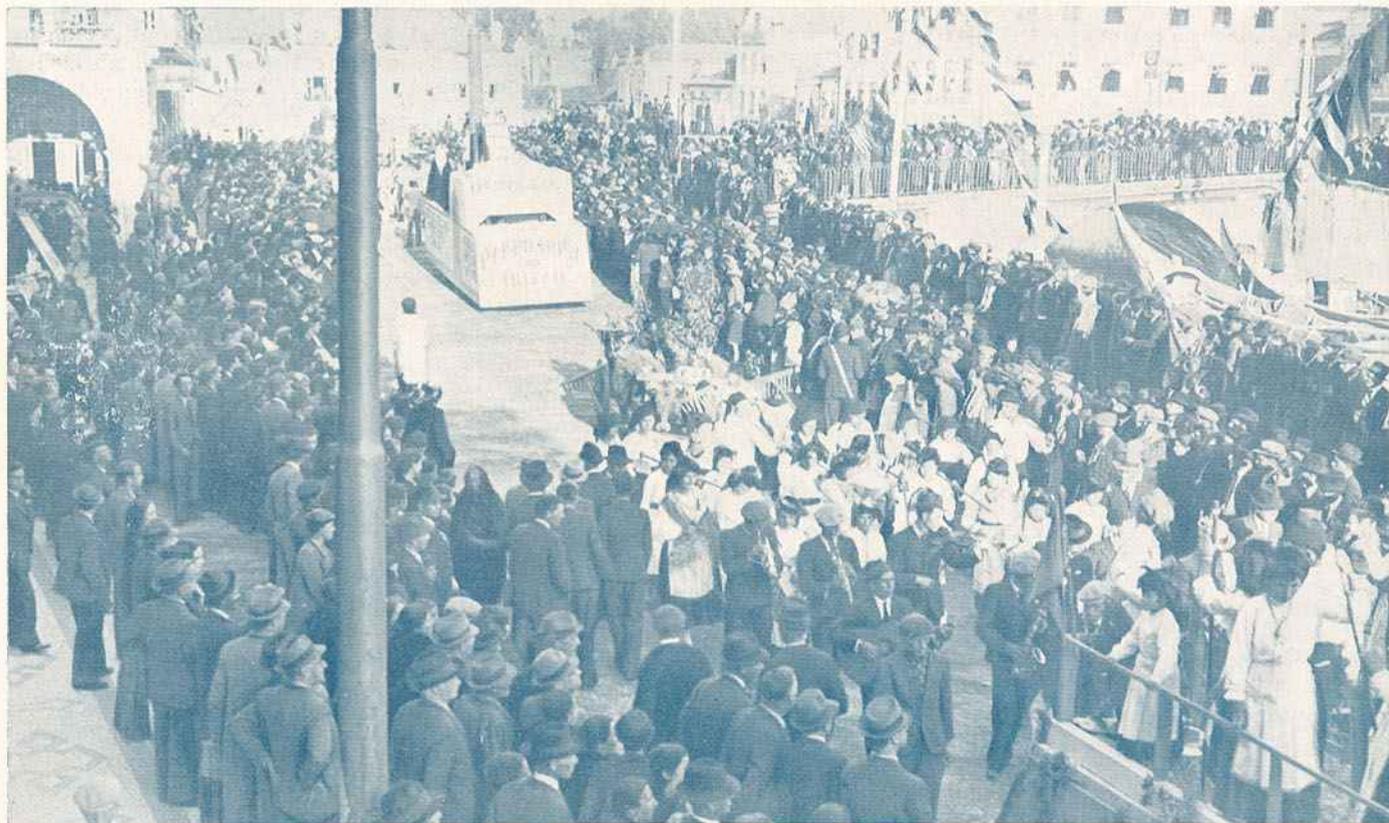
FACTOS DA QUINZENA



Banquete no Hotel Aviz para festejar o aniversário do Rotary Club de Lisboa. Presidiu o sr. Ermete Pires, tendo feito parte da mesa de honra os srs. ministros da França o sr. e a sr.ª de Duperrey, o sr. general Domingos de Oliveira, o adido comercial à Legação da França, o sr. e a sr.ª de Santos Bastos, a sr.ª de Ermete Pires, os presidentes dos clubes do Pôrto, Vizeu, e da Figueira da Foz e o censor do Club de Lisboa e a sr.ª de Mário Madeira



O monumento à memória do dr. António Martins, inaugurado em Abrantes. No dia da inauguração essa cidade engalanou-se com os seus mais belos adornos, atapetando as ruas com rosmarinho



Um aspecto do cortejo folclórico de Aveiro que constituiu um espectáculo grandioso, cheio de côr e pitoresco. Em boa verdade, Aveiro pôde orgulhar-se por êsse cortejo deslumbrante que foi uma afirmação de vitalidade. Cidade formosa, junta à sua beleza o dom da sua actividade infatigável e do seu patriotismo de sempre

A poesia e a imaginação na arte de Maria Adelaide Lima Cruz



A primavera começou, este ano, não com os indecisos dias de sol dos últimos dias de Março, mas com a Exposição no S. P. N. de Maria Adelaide Lima Cruz. Efectivamente, todos os desenhos e óleos da jovem artista sugerem, no conjunto, pela sua frescura emotiva e estética, a ideia do germinal em plena efervescência criadora. É assim fresca e germinativa, de facto, a natureza emocional e intelectual dessa artista que tem olhos de boneca húngara, um corpo sinuoso de réptil e uma prodigiosa e criadora sensibilidade estética, e que acaba de obter, com esta sua exposição, o prémio definitivo da consagração pública.

Todos estes seus quadros se submetem a uma orientação genérica: exprimir Portugal, através do seu povo e dos seus Poetas. Do seu povo — dando-nos o velho arrais, de olhar vago e distante, o *Chico da guitarra*, dominado à fatalidade mórbida do fado, os feirantes do Alentejo, num óleo magnífico onde até o céu é uma criação plástica original, os pescadores da Nazaré, e certa morena de olhos murmurantes que a Artista apelidou inteligentemente de "A da Rua da Saúde". Dos seus poetas — apresentando-nos interpretações plásticas de poesias de Fernando Pessoa, José Régio, Antero de Quental, Camilo Pessanha, Florbela Espanca, Virgínia Vitorino e António Botto.

Essa orientação geral, de índole franca e vivamente nacionalista, imprime a todos os trabalhos a sigla pessoal de Maria Adelaide. A artista — que começou aos dez anos a fatalidade de uma mensagem que a Vida tem afeiçoado às mais secretas virtualidades, — foi, aos 24 anos de idade, mostrar a Paris, através dos seus óleos, *gouaches* e desenhos, a paisagem portuguesa. Foi um êxito enorme! Os jornais franceses publicaram-lhe o retrato, imprimiram amabilidades de alto

coturno crítico, e tão grande foi o efectivo triunfo de Maria Adelaide que até jornais ingleses e alemães se referiram, pela pena dos seus correspondentes em França, ao significado criador da arte dessa adolescente amorosa do sol e motivos plásticos de Portugal.

Esta sua recente exposição representa, em boa verdade, a definitiva conquista de uma personalidade, até agora sujeita, como é natural, à rosa dos ventos das diversas influências. A que foi discípula de Mestre Carlos Reis e de sua própria Mãe, a ilustre Artista e Senhora D. Adelaide Lima, é hoje uma artista autónoma, pessoal, cheia de inquieta e generosa raça. Atente-se, nesta exposição, na técnica precisa dos traços, na originalidade triunfante das perspectivas, na sábia eloquência das côres, na singularidade emotiva das expressões das figuras. São de um Mestre a cabeça do Feirante do primeiro plano, e o desenho das cordoveias sensuais e animais do *Lavagante do Tá mar*. O *Afonso Henriques* é a projecção trágica de um pensamento a que, nem por ter saído de uma imaginação poética, deixou de ser *realizado* com emoção e verdade. O *Chico da guitarra*, a *Rosa da Madragôa* e *A da Rua da Saúde* são três poemas que surgiram, graças ao génio ao mesmo tempo lírico e musical da Autora, de uma compreensão melódica da vida e dos sentimentos humanos.

Alguns problemas estéticos estão ligados à sua *maneira* técnica e artística. Quero, dentre todos, salientar o que me parece mais curioso e original: a origem imaginativa dos seus desenhos, sanguineas e óleos. Não cito essa linda *Rosa da Madragôa*, cujos olhos são duas notas de música; referir-me-hei especialmente à sua interpretação dos poetas.

Os sonetos de Antero, todos o sabem, são feitos de interrogações metafísicas e de uma ética pessimista de arqui-traves germânicas. Por sua vez, os poemas de Fernando Pessoa, afeiçoados a um hermetismo complicado e astrológico, ocultam-se, não obstante a gôta lírica que deles sobressai, no apertado mistério das suas próprias emoções intelectuais. Também José Régio é um caso poético de tal forma violento e dramático que é impossível localizá-lo em qualquer expressão plástica pois esta alhear-se-há, fatalmente, do seu grito humano originário. Compreendendo isso, Maria Adelaide tomou dos seus poetas a compreensão momentânea do conteúdo de certos poemas e como que os *recriou* na sua imaginação. Quere dizer: Maria Adelaide tomou êsses poemas escolhidos como *pretexto* para ela própria nos falar do seu sonho, da sua emoção humana, das suas pessoalíssimas concepções estéticas. Assim, o *Mostrengo* de Fernando Pessoa perde o seu anedotismo religioso e herético mas ganhou, graças à imaginação plástica de Maria Adelaide, os contornos de uma visão

profunda, granguinholesca, que nos encanta pelo cunho de firme lusitanidade que encerra. Uma canção de António Botto origina uma irónica alegoria crítica de Maria Adelaide. Os sonetos de Antero, Virgínia Vitorino e Florbela Espanca, servem, porém, para nos dar a geografia musical do sonho humano de Maria Adelaide. Sim, a artista caminha, de olhos e alma extasiada, ao encontro do seu próprio destino, pisando lírios e espinhos. Os lírios dão-lhe a compreensão matinal e jovem de uma vida em flôr; os espinhos fazem sangrar-lhe os pés e subir-lhe à alma o doloroso suor da inquietação.

Daí, poder afirmar-se, em síntese, que a arte de Maria Adelaide é produto de uma vocação *analítica* dos mistérios da alma humana através de uma *imaginação* lírica, (já a escrever *religiosa*,) das suas manifestações. A essa técnica pode chamar-se a de um *realismo pela imaginação*. Não há nos seus quadros a óleo, mesmo no *Cristo* e no *São Francisco* das suas anteriores exposições, senão um vago e melancólico queixume, de origem espiritual, aliás, e não o grito humano, selvagem, ao mesmo tempo lírico e patético, por exemplo de certos quadros de Mário Eloy. A pintura de Maria Adelaide é *tôda mansa* como a poesia de Ribeiro Couto. O que avulta, nela, é a melodia cujo compasso nos é explicado intelectualmente pela Artista; é a sensibilidade maravilhada que se desaperta de todos os colchetes e se dirige, segura de si, ao encontro da aventura; é o *movimento* de uma inteligência plástica, inimiga do lugar-comum e do preconceito, que se entrega amorosamente à vida, sequiosa de Beleza.

A sua sensibilidade, bem feminina e, como tal, ondulante e arbitrária, facilita-lhe uma lúcida compreensão emotiva da realidade humana. Já frizei, atrás, que essa compreensão, por ser de substância musical e poética, desaprovava a deformação faustica, satânica ou angeiical, de tantos artistas de hoje. O mundo de Maria Adelaide é humano e simples; não tem complicações violentas nem transuda graves problemas de inquietação intelectual: — prova disso é aquele seu pescador da Nazaré que se limita a olhar saudosamente o mar...

Lisboa inteira a conhece, a esta Artista cujos trinta anos de hoje a não inibem de continuar jovem e adolescente e de agitar, como uma bandeira, a mesma alegria irrequieta, *gavroche*, que caracterizou as suas primeiras caricaturas. Talvez que, no fundo, seja paradoxalmente melancólica essa sua alegria; ou talvez que não. Seja como fôr, Maria Adelaide Lima Cruz é um caso artístico de tal forma original e vivo que o futuro não pode deixar de recompensá-lo galhardamente.

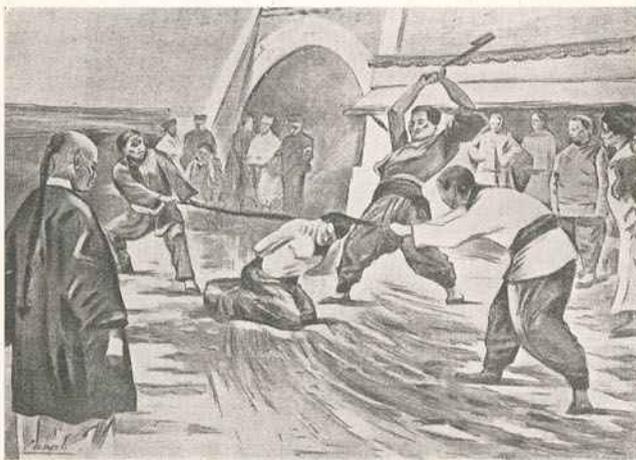
MANUEL ANSELMO.



Marisite, o deus da guerra

Há oitenta anos o Japão era ainda uma nação sob o regime feudal, de qualquer influência, de qualquer ordem, para fora das suas fronteiras. Hoje é uma grande potência que pretende imperar sobre todo o Extremo Oriente. Por que manhas secretas se operou este salto enorme?

No aludido curto espaço de tempo, durante o qual o Japão travou relações com o ocidente moderno, ao lado de muitos empreendimentos pacíficos, surpreendeu esse ocidente com uma organização militar de tal ordem, que dá a impressão de que o Japão é inspirado por um espírito especial, ausente nas organizações militares de outros países, e de que estão invadidos, não só os oficiais e as praças, mas também toda a população civil. É o *Bushido*, ou o caminho do samurai. A palavra compõe-se dos caracteres sino-japonezes *wu (bu)* que significa *militar, shih*, guerreiro ou cavaleiro letrado e *tao (da)*, caminho ou



Nos tempos do Japão bárbaro

meio. Mas entre o significado do *bushido* de hoje e o caminho seguido pelo *samurai* do Japão medieval há uma diferença enorme.

O *samurai* que constituía uma classe especial de guerreiros era o produto de um longo período de lutas entre tribus, que existiram do século X ao século XVII. O sistema político-económico, que o Japão no século VII havia adoptado febrilmente da sua poderosa vizinha a China, havia sido derrubado. Como a autoridade central não pudesse manter a paz e a segurança pública, os grandes proprietários, no intuito de defenderem ou aumentarem os seus bens, criaram, com os seus dependentes, corpos de guerreiros, que vieram a ser conhecidos pelos *samurai*.

Com o andar dos séculos de lutas, esses guerreiros privativos constituíram uma classe com um código oral, que regulava os seus actos e que era o produto das qualidades e atitudes, que os distinguia.

É esse guerreiro medieval, com o seu código regulador das suas acções, que alimenta o espírito do *Bushido* moderno, de que os filósofos fazem a propaganda e exaltam. O *Bushido* moderno surge em fins do século XIX como base de uma moral, que deixou de pertencer à tribo para ser nacional. A própria palavra *Bushido* que geralmente é interpretada por «caminho ou atitude do guerreiro» é de criação recente ou, pelo menos, não era de uso corrente antes daquela época. Quando no fim do século XVII desaparecia a função do *samurai*, a classe passou de militar à do letrado, e, com o fim de o harmonizar com o novo estado de paz e união nacional, entregou-se ao estudo dos clássicos confucianos.

Ao contacto com o ocidente, com uma nova distribuição do poder, com a desparição do *samurai* e com a introdução de métodos europeus, o governo neces-

ENERGIAS DO EXTREMO ORIENTE

PELO "CAMINHO DO SAMURAI,,

Bushido — a força secreta que impulsiona o Japão

sitou de um novo código de moral a que o povo aderisse e o *Bushido* foi arrancado do esquecimento em que jazera alguns séculos, para ser elevado à categoria de código de moral para todo o Japão. Foi assim que o mito obteve a força necessária para influir nas leis, na literatura e em toda a vida nacional. Foi o mesmo mito que forneceu uma nova lealdade nacional, a lealdade para com o imperador, nova fonte de patriotismo, que corresponde ao antigo *Jamato-damashii* ou «o espírito íntimo do *samurai*», agora modernizado por forma a ser aplicado a um objecto material, o imperador.

O imperador do Japão, conforme quasi toda a história do país, gozou teoricamente de uma supremacia semi-divina, o que não impediu o assassínio, exílio, insulto e opressão do imperador, a-pesar do marquês Okuma ter pronunciado no parlamento, recentemente, estas palavras: «Nunca houve no Japão sublevação ou tentativas de assassínio contra o seu imperador, com a frequência que esses actos tiveram em outros países».

O dr. Inazo Nitobé, escritor e filósofo, foi o principal renovador do mito, e o seu livro, *Bushido, a Alma do Japão*, contém os cânones que o regulamentam. Na sua obra descreve as virtudes que distinguem o *samurai* do período medieval, mas, segundo ele, o *Bushido* moderno não se havia de restringir ao código da antiga cavalaria japonesa, mas tinha de representar a «totalidade dos instintos morais da raça nipónica».

As virtudes proclamadas por Nitobé, como bases do *Bushido* são: «Conduzir a vida em harmonia com a razão, sem hesitações; morrer, quando seja necessário morrer, e matar quando seja necessário matar.

A coragem preconizada no *Bushido* já não é a coragem física, do tipo necessário no período feudal, mas sim a coragem moral, que só é virtude, quando empregada na causa da justiça. A benevolência, que incluía amor, magnanimidade, afeição, simpatia e piedade, impediu o período feudal de cair no despotismo porque os senhores feudais, de quem dependia paz ou guerra, seguiram os ensinamentos de Confúcio, no tocante a um governo paterno. Os cantos dos guerreiros tinham de preferência o canto das aves ao da morte ou ao das batalhas. A falta de honestidade comercial, que Nitobé admite como uma mancha no carácter japonês, é atribuída pelo mesmo Nitobé ao facto de os comerciantes não serem instruídos nas tradições do *Bushido*, como o eram os *samurai*.

A história diz-nos que o guerreiro dos

tempos feudais não possuía nem lealdade nem patriotismo, especialmente em relação ao imperador; era um guerreiro que pertencia ao chefe da sua tribo e não ao país ou ao seu imperador. No entanto, Nitobé, com o fim de reviver o mito do *Bushido*, afirma que *Bushido* impunha lealdade ao soberano e ao país».

O dr. Rokuchiro Masujima, outro filósofo e expositor do mito escreve: «O soberano japonês é um ente superior, absolutamente virtuoso, acima de todas as tentações humanas e incapaz de praticar senão o bem para com o seu povo, conforme a história nos ensina». Criado em volta desta ideia da natureza do imperador, o mito *Bushido* vai-se alastrando com firmeza pelo ensino feito nas escolas e constituiu um poderoso agente na propaganda de lealdade ao imperador e exaltação da pátria, como país de *samurais*.

O primeiro empreendimento do *Bushido* foi inculcar-se no espírito do novo exército criado por meio de obrigatoriedade e composto principalmente por indivíduos das baixas classes, a cujos pais, durante trinta gerações, havia sido arrancado o privilégio de figurarem nas fileiras do exército. Ligar as virtudes militares do passado a um exército extraído dessas classes parecia tarefa difícil senão impossível, mas o mito *Bushido* conseguiu introduzir nesses homens virtudes, que se afirmava, haviam sempre predominado no Japão e de que até o próprio exército do imperador Jimmu no ano de 660 antes de Cristo, dera as provas mais eloquentes. O processo pelo qual o exército de conscritos se embebeu do espírito de *Bushido* foi levado a efeito integralmente, por meio do decreto imperial de 4 de Janeiro de 1882.

O notável documento começa por asseverar que as tropas japonesas foram em todos os tempos levadas à vitória pelos seus imperadores e passa em claro os largos períodos durante os quais os imperadores representaram um papel muito apagado. Era, porém, necessário dar vulto ao mito, ainda que houvesse de pôr de lado a rigorosa verdade dos acontecimentos. A lealdade, a disciplina, a coragem e a integridade de carácter, a fidelidade e a frugalidade são as virtudes proclamadas, que devem constituir «a verdadeira coragem do soldado» e que todo o militar deve praticar. Este decreto imperial constituiu hoje a Bíblia do soldado japonês, que nunca deixa de o trazer na algibeira do uniforme.

A guerra russo-japonesa foi uma excelente oportunidade para o governo do país pôr à prova aquele espírito, a que

havia dado origem, com toda a actividade e que deu lugar a que os observadores do ocidente, com o fim de explicarem as surpreendentes vitórias dos japoneses, descobrissem e aceitassem a explicação japonesa: *Bushido*.

A grande vitória japonesa sobre uma potência ocidental veio levantar o nível do mito a uma grande altura e dar-lhe enorme incremento.

O correspondente militar de um grande jornal americano escrevia, ao tempo, para o seu jornal, estas linhas notáveis:

«É bem contra vontade que temos de reconhecer a existência de uma força moral, que parece dirigir e superintender sobre a atitude de um grande povo; que inspira uma nação inteira, desde as mais altas até às mais baixas camadas da sociedade e a conduz a feitos heróicos, que a enfileiram com os mais célebres da história ou da lenda. Queremos indagar que força é essa, donde provém e qual é o seu significado; a presença dessa força causa-nos cobiça e até provoca a nossa cólera».

O governo do Japão, por meio dos seus Ministério da Instrução e Ministério da Guerra, continua a alimentar e alastrar o «espírito yamato». A instrução militar nas escolas é feita sob a direcção daqueles ministérios em conjunto e os panfletos editados regularmente exaltam a guerra como «Pai da criação e mãe da cultura». Mais importantes, e acima da acção oficial, como sustentáculos e propugnadores das especiais virtudes japonesas e da superioridade da raça nipónica levantam-se as organizações extra-governamentais.

A *Outo Gikai* (Sociedade do Caminho Imperial) é um agrupamento que se compõe de membros do partido Seiyukai e de funcionários da Companhia de Caminhos de Ferro do Sul da Manchuria, entre cujos objectivos se salienta o robustecimento do espírito militar. Outras associações como a *Kokuhonka* (Sociedade da Fundação do Estado) têm idênticos fins. Entre a mocidade há grupos como «*Dai Nipon Butokukai*» (Sociedade do Valor Militar do Grande Japão) cujo moto é o seguinte: «Exaltação do Espírito Militar do Japão e união do país inteiro, por meio das tradições samurai, em torno da sagrada pessoa do Imperador» e a *Nipon Seinenan* (Associação da mocidade japonesa) que exige «lealdade à pátria e coragem samurai».

O principal instrumento dos militaristas na educação das massas, contudo, é a «*Tenkoku Zaigo Gunjinkai*» ou a Associação dos Antigos Militares ao Serviço, cujo fim único é o de manter o espírito militarista. Existem também associações terroristas, tais como a «Sociedade do Lobo Branco» que pretende resolver todos os problemas sociais pelo uso da força, baseada na Justiça e no espírito samurai».

A ideologia moderna de *Bushido* funda-se no princípio de que, em primeiro lugar, o Japão, em virtude dos seus atributos samurai, tem a desempenhar uma missão divina no Ocidente e em todo o globo, e que, em segundo lugar, o Japão não deve afrouxar na cultura desse es-



O patrono da equitação

pírito em frente de ameaças, quer do interior, quer do exterior do país.

Neste momento, o Japão, em guerra com a China, dá-nos um frisante exemplo da forma como põe em prática a sua missão divina, pondo à prova todas aquelas virtudes em que povo e exército foram instruídos.

Que o mito agiu e é hoje uma grande força, atestam-nos bem as cenas de exaltado patriotismo a que a mobilização do exército deu lugar e que são manifestações de qualidades inapreciáveis que possui a raça yamata. Ninguém indaga a respeito das causas da guerra porque todo o japonês está «profundamente convencido da pureza dos motivos que actuaem nas forças imperiais».

No campo de batalha a atitude do soldado é uma demonstração do mito.

O diário de um soldado morto em acção revela bem como ele agia sob a influência do mito: «Esperei durante muito tempo pela ocasião em que o soldado dê ao mundo as provas da sua coragem... e a ocasião chegou finalmente! Sobre os meus ombros pezo o destino da minha pátria. Não espero regressar vivo. Parto para o campo de batalha orgulhoso da minha missão».

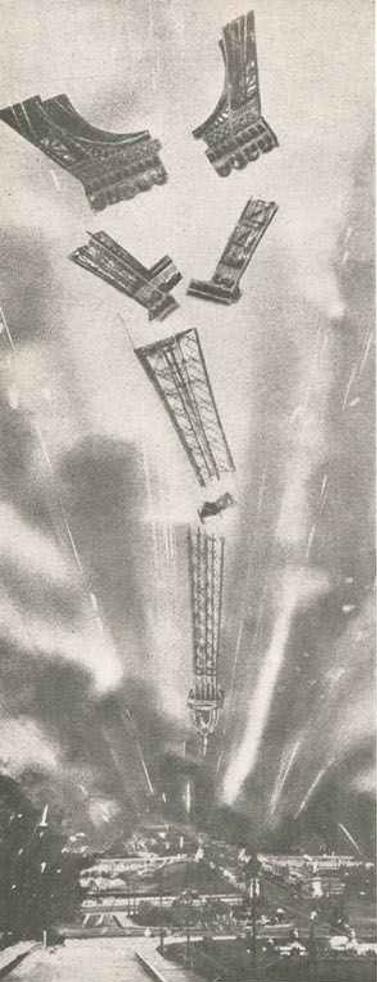
O único oficial japonês feito prisioneiro e ferido na campanha de Xangai em 1932, tendo recuperado a liberdade, depois de curado, voltou ao seu campo, e suicidou-se. E o general Araki, discursando à beira da sepultura do oficial, pronunciou estas palavras:

«Enquanto existir nas nossas fileiras aquêlê espírito de que o major Kogu acaba de dar provas, pode o exército japonês bater-se com qualquer outro exército, cheio de esperanças no êxito da luta».

É opinião corrente entre os japoneses que o soldado japonês é o único no mundo, que não considera a morte como uma catástrofe pessoal.

É assim que o mito *Bushido*, que retracça artificialmente as suas origens até à fundação do próprio Japão, foi aproveitado com enormes resultados, fixando a unidade nacional dentro do Império e defendendo este contra as agressões do exterior.

ADOLFO BENARÚS.



Eis alguns dos apavorantes inventos que aparecerão, um dia, se a guerra tiver de ser o único recurso para garantir a paz:

Ouviremos os sons *ultra-agudos* com mais de 20 mil vibrações por segundo, e que, sendo imperceptíveis ao ouvido humano, apresentam entre outras, a particularidade de destruir os glóbulos vermelhos do sangue.

As propriedades destrutivas destas ondas *ultra-agudas*, também chamadas "ultra-sons" ou "vibração mortífera", foram descobertas casualmente quando, há poucos anos ainda, se mediam as profundidades do oceano.

Nessa altura foi verificado que tais ondas matam os peixes quasi instantaneamente. Segundo averiguações feitas, os *ultra-sons* das sereias dos navios podem desviar as lagostas dos seus percursos normais e até destruí-las em grande parte. Nas regiões polares, pondo em ressonância as sereias dos barcos próximos, tem-se conseguido desagregar alguns "icebergs".

Posteriormente, efectuaram-se experiências com frequências fantásticas, como, por exemplo, com ondas de 300.000 vibrações por segundo, por meio de um circuito eléctrico, actuando numa placa imersa num banho de óleo. As vibrações eram transmitidas para o exterior por intermédio duma haste de vidro. Ao mais leve contacto desta haste com as pontas dos dedos, instantaneamente apareciam queimaduras muito dolorosas. Fragmentos de vidro eram pulverizados, no acto, ao serem tocados pela dita haste.

Experimentalmente chegou-se a comprovar que a destruição dos glóbulos vermelhos do sangue, mediante o *ultra-son*, se produzia por separação da hemoglobina.

Até à data ainda não foi possível aumentar a frequência além das 300 mil vibrações por segundo. Contudo os físicos modernos prevêem a possibilidade teórica de aumentá-la, e, neste caso, deve considerar-se o *ultra-son* como uma arma de futuro e que certamente não será das menos terríveis pela desagregação da matéria provocada. Uma bateria de *ultra-son* deitaria então por terra uma esquadilha de aviões que se atrevesse a entrar no campo de acção dos seus raios destrutores invisíveis. Já com a frequência actual, o *ultra-son* desintegra as células dos corpos colocados nas imediações. É de calcular, portanto, que com frequências maiores se consiga mesmo desintegrar as próprias moléculas do aço.

Teremos também os *raios catódicos* que, sendo de altíssima tensão, constituem aquilo a que chamamos *raios mortíferos*, pois, quando se aumenta a tensão eléctrica até 350 mil vóltios, os electrões precipitam-se no ar

MARAVILHAS DA GUERRA MODERNA

Dos "raios da morte" à metralhadora que dispara 33 mil tiros por minuto

com uma velocidade de 240 mil quilómetros por segundo. Uma luz violeta expande-se em torno do raio. Ao choque das partículas materiais animadas duma tal velocidade, o ar electriza-se, e as moscas caem imediatamente mortas. Logo que se consiga aumentar ainda mais a tensão eléctrica, o campo de acção dos *raios catódicos* aumentará, e estes constituirão um poderoso meio de destruição, merecendo, portanto, com toda a propriedade a designação de *raios da morte*.

Sabemos já que, por meio das *ondas hertzianas*, podemos ser dirigidos, a distância, carros blindados, *tanks*, navios e aviões. As principais potências utilizam já este processo, evitando assim o sacrifício heróico do homem que tivesse de dirigir pessoalmente um torpedo contra uma fortaleza ou couraçado, e que, ao executar a manobra, encontrasse a morte. As *ondas hertzianas* se encarregam de dirigir o torpedo.

Outra invenção terrível é a dos *raios cegantes* que são lançados pelo "canhão disparador de luz", e têm a propriedade de cegar o inimigo, pondo-o fora de combate. Todos sabem quão desagradável e prejudicial é o aparecimento dos faróis de um automóvel, batendo-nos em cheio nos olhos. Um peão que atravessa a rua, e seja surpreendido por esse feixe de luz, ficará de tal forma cego que correrá o grave risco de ser atropelado.

Ora, chegando-se a tais resultados com faróis de uma potência luminosa relativamente débil, calcule-se o efeito de absoluta cegueira que se obterá empregando projectores de potência luminosa mil vezes maior.

Os técnicos militares das grandes nações, fundamentando-se nas descobertas dos químicos alemães, admitem que os *raios cegantes* serão, no futuro, utilizados como arma de guerra. Os *canhões de relâmpagos artificiais* podem emitir descargas de luz com 5.000.000 de velas, às quais o olho humano não pode resistir sem ficar cego instantaneamente. Também existem "pistolas de relâmpagos artificiais", que dão descargas de luz com 150.000 velas.

O invento dos químicos alemães consiste em lançar, por meio dum projector, uma quantidade apreciável de um pó metálico, num tempo reduzido. O dito metal, que, provavelmente, é o "electrum", manufacturado na Alemanha pela casa I. G. Farbenindustrie, em contacto com o ar, arde com uma luminosidade muito superior à do magnésio. Uma das aplicações do *canhão de relâmpagos artificiais* será contra as invasões aéreas nocturnas: cegar-se-ão os pilotos sem necessidade de usar reflectores eléctricos, não sendo necessário o emprego de baterias anti-aéreas para os pôr fora de combate.

Os "canhões disparadores de luz", podem ser montados sobre viaturas automóveis que os transportarão rapidamente aos lugares em que fôr necessário o seu emprego. Para obter uma potência luminosa maior, basta aumentar o calibre do canhão. Mas, como um canhão de grande calibre é difícil de transportar, foram estudadas mais duas soluções para o problema da luz cegante.

Uma solução foi encontrada pelo físico holandês C. Bol que conseguiu fabricar uma lâmpada de pequenas dimensões e que actua numa atmosfera de mercúrio

sob alta pressão. Esta lâmpada pesa apenas alguns grammas e o seu máximo diâmetro é de poucos centímetros. Apesar disso, é capaz de provocar uma luminosidade de 95.000 velas por centímetro quadrado. A outra solução é a lâmpada de arco com uma temperatura de 7.300 graus centígrados, já realizada.

Contra a *luz cegante* existe um simples meio de protecção: vidros especialmente corados.

Outra grande novidade: a dos aviões silenciosos que permitirão aproveitar ao máximo o factor surpresa nas futuras invasões aéreas.

Até agora, o ruído dos motores servia para indicar a aproximação do inimigo. Desaparecerá esse aviso.

Os aviões silenciosos foram construídos na Alemanha, empregando-se motores a vapor, nos quais a máquina resulta silenciosa por não carecer de escape livre. Acresce ainda terem sido diminuídos ao mínimo os ruídos das hélices e os causados pela fricção das asas e da fuselagem com o ar.

Nos Estados Unidos da América estão sendo adoptados aviões de guerra com motores de combustão, nos quais os ruídos foram tão amortecidos que ninguém consegue ouvi-los a uma altura superior a 800 metros.

Falando de máquinas silenciosas, referimo-nos exclusivamente à sensibilidade do ouvido humano.

Mas, paralelamente, às máquinas silenciosas, a técnica produziu instrumentos de tão grande sensibilidade que permitem denunciar o mais o leve ruído. Nos exércitos modernos existem microfónios *ultra-sensíveis*, e alguns de tão grandes dimensões que são transportados em viaturas automóveis.

Outra novidade: a do *geomimetismo*. Como é sabido, para a defesa de grandes objectivos militares pratica-se eficazmente a camuflagem ou o *mimetismo* em grande escala.

O *geomimetismo* consiste no emprego de fumos artificiais de diferentes cores para disfarçar localidades, arsenais, estações de caminhos de ferro e outros objectivos militares. Estabelecem-se barragens de fumo que induzem em erro a aviação inimiga.

As pequenas cortinas de fumo com que antes se cobriam estes objectivos não davam o resultado desejado, pois os pilotos inimigos, fazendo uso de mapas topográficos e de instrumentos medidores de distâncias, geralmente logravam localizar os seus objectivos, conseguindo bombardeá-los.

Os exércitos modernos dispõem hoje de aviões e tanques especiais que distribuem fumos de cores apropriadas para encobrir os objectivos e simular a



sua existência noutra lugar, com o que conseguem ludibriar os pilotos inimigos, pois os pontos de referência são mudados. Assim, por exemplo: se existe uma gare ao lado de um bosque, cobre-se a gare e o bosque com uma neblina artificial, e estende-se em outra parte do terreno uma nuvem de fumo verde, simulando a existência do bosque. Igualmente se simula, durante a noite, a existência dos centros de população onde na realidade não existem. Para isto são distribuídas instalações de luz, em forma de xadrez, nos campos vizinhos das verdadeiras cidades.

Temos ainda a maravilha dos *raios luminosos invisíveis* empregados na navegação marítima e aérea, durante a noite, a fim de estabelecerem as comunicações.

Para o olho humano apenas são visíveis as radiações entre determinados comprimentos de onda.

Ora, se os raios infra-vermelhos e os ultra-violeta do espectro não são visíveis



que virá a ser uma futura guerra? O livro intitulado *Os raios da morte*, de M. Seydewitz e K. Döberer apresenta indicações verdadeiramente arrepiantes.





para o olho humano, o *olho artificial* vê-os perfeitamente.

Vem a propósito lembrar que na Grande Guerra foi empregada, especialmente, na marinha britânica, a luz ultra-violeta para manter o contacto durante a navegação nocturna através do oceano. Os sinais luminosos correntes não podiam ser usados em virtude da presecção de submarinos alemães. Em face disso os navios comunicavam entre si por meio de lâmpadas de arco, cujos feixes luminosos passavam previamente através de um filtro especial, que somente deixava passar os raios ultra-violetas.

Presentemente as experiências com raios infra-vermelhos tiveram um êxito ainda mais notável. Inventou-se uma lâmpada de arco com um carvão especial que emite muitos raios infra-vermelhos, além dos raios de luz visível. Um filtro de vidro negro intercepta todos estes raios visíveis do feixe de luz. O aparelho receptor é constituído por uma bateria de células foto-eléctricas que constituem o *olho artificial*. A célula foto-eléctrica é sensível à luz infra-vermelha mesmo a grandes distâncias. O poder de penetração da luz infra-vermelha é dezasseis vezes maior que um feixe de luz ordinária, pelo que o seu valor militar é importante, especialmente quando empregada em tempo brumoso e através de nuvens.

Por este motivo estão sendo construídas estas lâmpadas para raios infra-vermelhos, que constituem um excelente meio de comunicação, especialmente apropriado para a navegação aérea.

Outro invento, que muito está interessando os peritos dos Estados Unidos da América e da Alemanha, é o *canhão silencioso*. Em redor da sua alma, tem uma série de anéis electro-magnéticos, ligados electricamente, e que atraem o projectil sucessivamente quando por eles passa a corrente eléctrica. À medida que o projectil passa em frente dos anéis, corta-se a corrente do anel correspondente. O projectil adquire um movimento acelerado, cada vez maior. Com este in-

vento, logrou-se eliminar o estampido, o clarão e o fumo, de maneira que se torna impossível localizar os canhões silenciosos que se empreguem no futuro.

Procura-se agora o aperfeiçoamento da *defesa contra invasões aéreas*, tendo sido adoptados nalguns países métodos muito originaes.

Na Alemanha aproveitou-se a ideia do autogiro de La Cierva, para a concepção de "elevadores de canhões anti-aéreos".

Estes elevam-se verticalmente, como um ascensor, à velocidade média de 12 metros por segundo, de maneira que alcançarão a altura de 6.500 metros em 9 minutos. Esta velocidade ascensional assegura-lhes uma superioridade indiscutível sobre os aviões de bombardeamento e de caça inimigos. Outra vantagem reside no seu baixo custo. Como são construídos somente com uma plataforma, um motor e um par de hélices, o seu custo orça aproximadamente pela terça parte do custo dum avião de bombardeamento.

O seu inconveniente é a impossibilidade de deslocar-se horizontalmente, o que os torna inaptos a uma perseguição aérea. Não obstante, como arma de defesa, a plataforma voadora anti-aérea parece não ter rival, segundo a opinião de alguns técnicos.

Finalmente, aparecerão armas moderníssimas, de entre as quais destacaremos: a *metralhadora centrífuga* que pode disparar 33 mil tiros por minuto, o *avião submersível*, e *carros de assalto transportados por avião*.

Por aqui se verifica que, nos últimos anos, as ciências têm posto ao serviço das forças armadas uma série de inventos e aperfeiçoamentos de tal natureza que uma futura guerra deverá oferecer um espectáculo surpreendente para ser apreciado... por meio de telescópio, e dum dos mais socegados recantos da Lua ou de Marte.

Passou o tempo dos feitos heróicos em que o combatente, empunhando o seu montante, abria clareiras sangrentas por entre as fileiras inimigas.

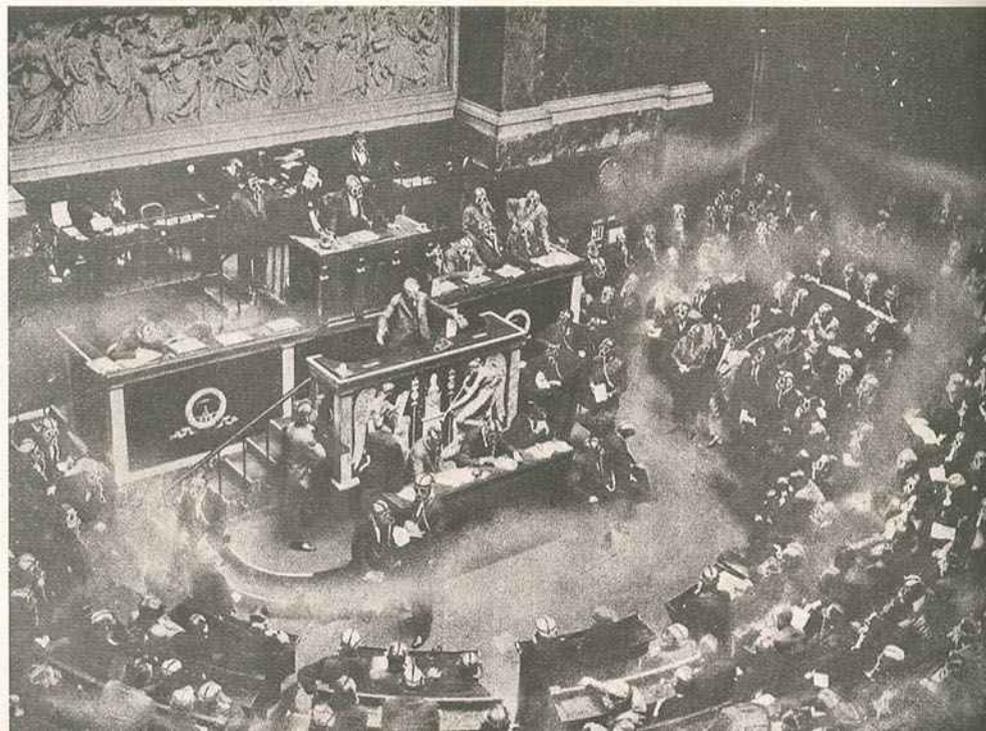
Que poderia fazer hoje o nosso Duarte Pacheco que, no vau de Cambalan, derrotou com setenta homens os cinqüenta mil guerreiros do samorim?

É curioso evocar que, nesse tempo, o glorioso guerreiro português se servira do estratagema de atar umas às outras as suas caravelas e chalupas, de forma que formava assim na água uma verdadeira falange composta e unida, que tomava todo o passo. Além disso, fazendo um supremo esforço, repeliu a tiro de peça os navios atacantes, subiu rapidamente o rio, e apareceu, quando menos o esperavam, no vau onde os nossos soldados combatiam. Estas aparições súbitas de Duarte Pacheco aterraram a tal ponto o inimigo que logo o considerou dotado de poderes sobrenaturais.

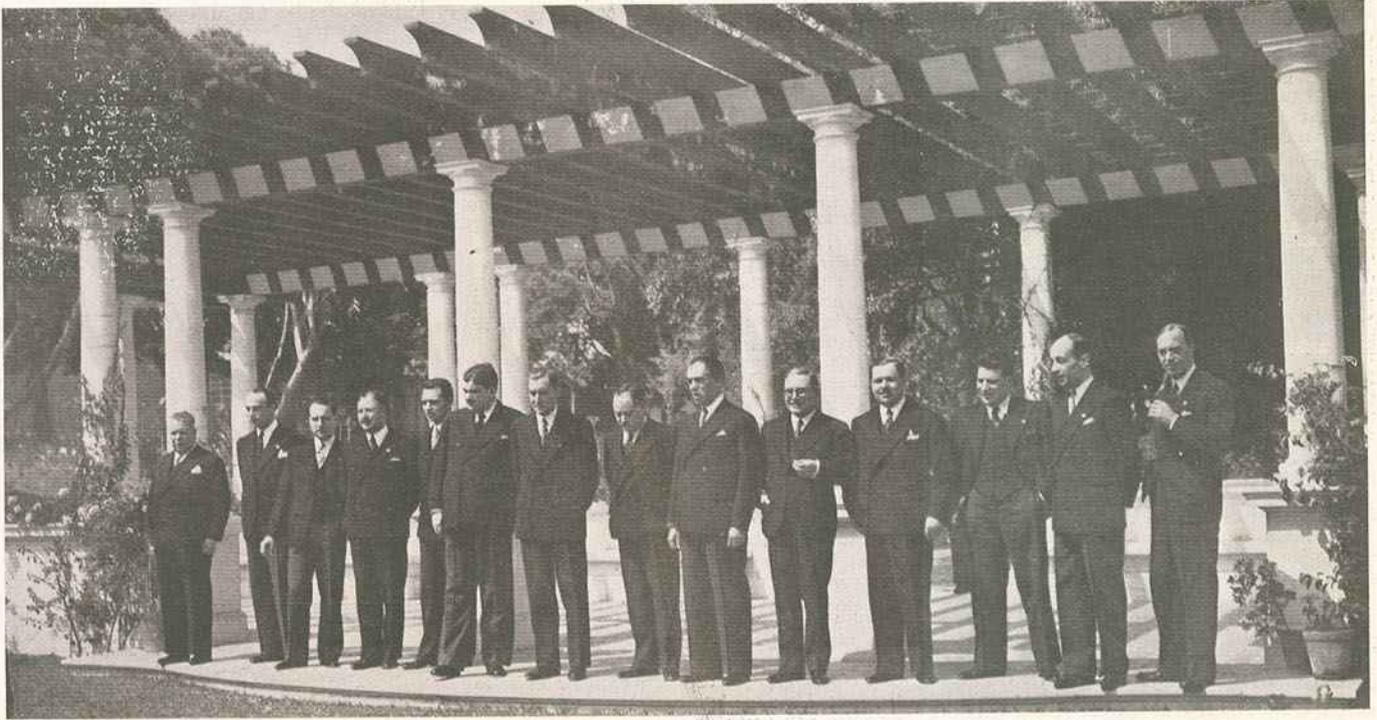
E assim se compreende que setenta homens combatessem e derrotassem cinqüenta mil, sem que em tudo isto andasse coisa de feitiçaria.

Que faria hoje o nosso herói?

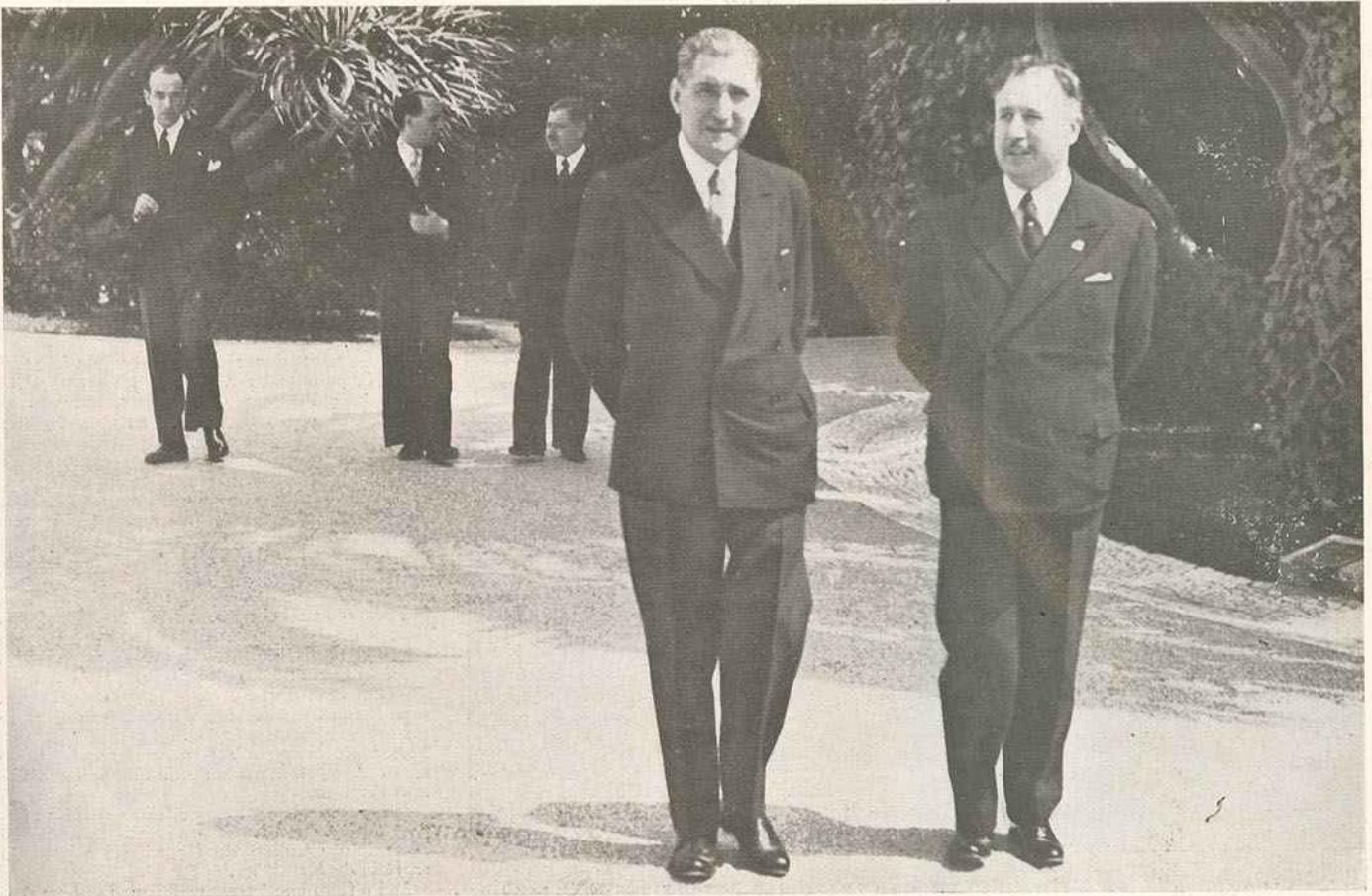
De que lhe valeria a sua valentia indomável?



ONZE ANOS NA PASTA DAS FINANÇAS



Completando onze anos na pasta das Finanças, o sr. dr. Oliveira Salazar foi alvo de significativas homenagens de apreço e reconhecimento pela sua notabilíssima acção governativa. — *Em cima*: O sr. dr. Oliveira Salazar com o Governo, no jardim do Palácio da Presidência do Conselho. — *Em baixo*: O sr. Presidente do Conselho passando no jardim em companhia do sr. Ministro da Educação Nacional



VIDA ELEGANTE

Festas elegantes

A última quinzena foi uma das mais festivas de Lisboa. Além dos bailes no Turf-Club e Tauromáquico, os aristocráticos clubs de Lisboa, que viram nas suas salas toda a nossa gente elegante, os Club Brasileiro e Automóvel Club, nos seus chás Mah-Jong e bridge igualmente tiveram as suas salas sempre repletas de senhoras conhecidas. No Pôrto igualmente houve várias festas de caridade, sendo a do Palácio Cristal a que marcou pela concorrência e elegância.

Para os primeiros dias do próximo mês já se anunciam novas festas de caridade, entre elas duas récitas por distintos amadores com a revista de João de Vasconcelos e Sá e Raúl Cordeiro Ramos com música de Angelo Moreno intitulada «Palhas e moínhas» que o ano passado tanto sucesso obteve em Évora e arredores, e que vamos ver representar em Lisboa num dos nossos primeiros teatros, e um grandioso baile de caridade a favor das instituições portuguesas de assistência aos leprosos pobres sob o alto patrocínio da sr.^a D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, esposa do ilustre Chefe do Estado, e organizado pelas seguintes senhoras:

Embaixatriz do Brasil, condessa de Castro Marim, condessa de Vila Flor e de Alpedrinha, viscondessa de Almeida Garrett, D. Maria do Carmo Noronha (Paraty), D. Amélia Rojão Caiola Basto, D. Madre Deus Meleiro de Sousa, D. Maria d'Orei de Castro Pereira, D. Isabel de Melo Breyner, D. Maria Isabel Roquete de Sousa Basto, D. Olímpia Pedrosa Rodrigues, D. Dália Tavares de Carvalho, D. Maud Cohen Feveiro, D. Maria Carlota Soares Franco, D. Eugénia Fleury de Amorim, D. Rita Thompson Flores e D. Ilda de Carvalho.

Casamentos

Com grande brilhantismo, realizou-se na igreja de S. Nicolau, o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes dos Santos Moura, gentil filha da sr.^a D. Lucinda dos Santos Moura e do sr. Júlio Lourenço de Moura, com o sr. António Alves Sampedro, filho da sr.^a D. Maria do Rosário Ventura Sampedro e do sr. João Sampedro, já falecido.

Fôram padrinhos por parte da noiva, a sr.^a D. Mariana de Sousa Lobo e o sr. Henrique de Sousa Lobo e por parte do noivo, a sr.^a D. El-

vira dos Santos Moura de Oliva e o sr. Américo Lourenço de Moura, irmãos da noiva.

Terminada a cerimónia, foi servido à numerosa assistência um finíssimo copo de água, findo o qual os noivos seguiram em digressão pelo país, devendo partir brevemente para o Congo Belga onde vão fixar residência.

— Na Basílica da Estrêla, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Antónia de Sousa Coutinho, gentilíssima filha da sr.^a D. Maria Justina Fialho de Sousa Coutinho e do sr. D. António de Sousa Coutinho, com o sr. engenheiro José Carvajal Teles da Silva, filho da sr.^a D. Angela Carvajal e do sr. José Teles da Silva.

Serviram de padrinhos da noiva, a mãe da noiva e a sr.^a D. Maria Constança de Sousa Coutinho, e do noivo os srs. Gonçalo Teles da Silva e António Carvajal Teles da Silva, respectivamente tio e irmão do noivo.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche no Avenida Palace Hotel, seguindo depois os noivos para o Bussaco, onde fôram passar a lua de mel.

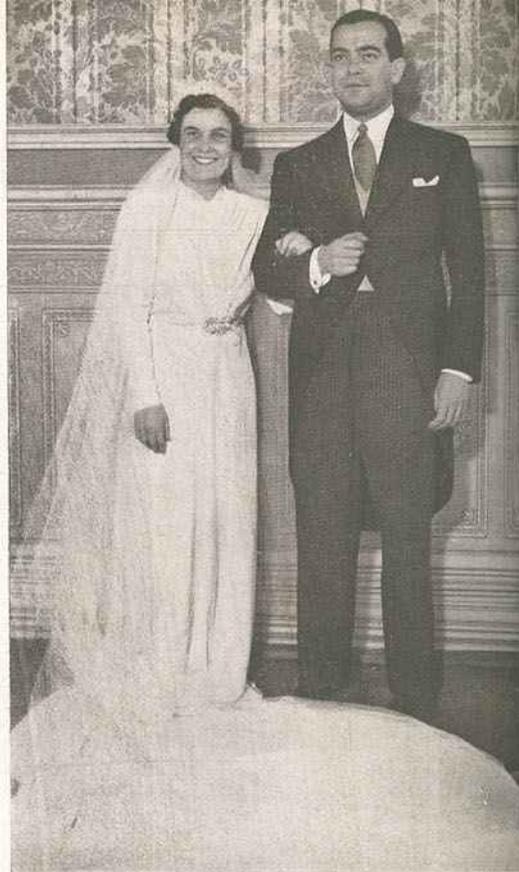
Aos noivos fôram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Na igreja do Patriarcado, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Alice Cortesão Pais Lima de Faria, gentil filha da sr.^a D. Maria Lobato Cortesão Pais de Faria e do sr. dr. Avelino de Faria, com o sr. Angelo Zuzarte Cortesão Casimiro, filho da sr.^a D. Judite Zuzarte Cortesão Casimiro e do sr. capitão Augusto Casimiro.

Foi celebrante monsenhor dr. Carneiro de Mesquita, amigo íntimo e antigo condiscípulo do pai da noiva.

A cerimónia que teve um carácter muito íntimo, devido a um luto recente serviram de padrinhos, por parte da noiva o sr. dr. Raúl de Faria e D. Berta Carneiro de Magalhães de Faria, e, por parte do noivo, o major sr. Pedro de Almeida e a sr.^a D. Adozinda de Almeida.

Aos noivos fôram oferecidas muitas prendas. — Pela sr.^a D. Maria das Dores de Meireles Teixeira da Mota foi pedida em casamento para seu filho, sr. capitão de engenharia Gonçalo Cristóvão de Meireles Teixeira da Mota, a sr.^a D. Francisca Maria de Vasconcelos e Sousa, gentil filha da sr.^a D. Maria do Carmo Rebelo de Andrade de Vasconcelos e Sousa, e do sr. D. Luís de Vasconcelos e Sousa já falecido. O casamento deve realizar-se brevemente.



Casamento da sr.^a D. Maria Antónia de Sousa Coutinho com o sr. engenheiro José Carvajal Teles da Silva (Foto, Cabral)

— Pela sr.^a condessa de Nova Goa foi pedida em casamento para seu filho sr. D. Duarte Manuel, a sr.^a D. Mariana Rita do Vale e Sousa de Menéres Mexia, gentilíssima filha da sr.^a D. Ana do Vale e Sousa de Menéres Mexia.

A cerimónia do casamento deve realizar-se muito em breve na capela da Quinta de Santa Ana do Guerreiro, da casa Vale (Tomar).

— Pela sr.^a D. Maria Cristina Queiroz Macieira de Barros, esposa do sr. tenente-coronel João Barros, foi pedida em casamento para seu filho Henrique, a sr.^a D. Maria da Conceição dos Anjos Pereira, gentilíssima filha da sr.^a D. Maria Marta Assunção Pereira e do sr. Feliciano dos Anjos Pereira.

A cerimónia deve realizar-se ainda este ano. — Pela sr.^a D. Júlia Andrea Ferreira Lima da Cunha e Freitas, esposa do sr. capitão de mar e guerra Artur Vital da Cunha e Freitas, foi pedida em casamento para seu filho Eugénio Eduardo, a sr.^a D. Maria Leonor de Saldanha Bandeira de Carvalho, gentilíssima filha da sr.^a D. Leonor de Saldanha Bandeira de Carvalho e do sr. Guilherme Abranches de Carvalho (Chancelieiros).

O casamento deverá realizar-se ainda este ano. — Na paróquia igreja de S. José realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Alves de Melo Abreu, com o sr. Alberto de Oliveira.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.^a D. Cristina de Melo Abreu, sua mãe e o sr. Adolfo Teixeira, e por parte do noivo, sua mãe, sr.^a D. Albertina de Oliveira. Os noivos, a quem fôram oferecidas lindas prendas, partem brevemente para a África onde fixam residência.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Cristina Soares de Oliveira de Ayala Botto, esposa do nosso colega na imprensa sr. José de Ayala Botto. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Em casa de seus avós, na Foz do Douro, teve o seu bom sucesso, dando à luz dois interessantes gémeos, a sr.^a D. Maria Luisa Martins Pereira de Menezes Veloso Ferreira, esposa do sr. dr. Augusto Martins Pereira de Queiroz Veloso Ferreira.

Mãe e filhos encontram-se felizmente bem. — Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria do Patrocínio Cândido de Magalhães, esposa do sr. Júlio de Magalhães.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.



Casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes dos Santos Moura com o sr. António Alves Sampedro (Foto, Universal)

JACOPO DELLA QUERCIA

A comemoração do seu 5.º centenário em Siena

Na sala Balia fôram colocadas as obras de Cozzarelli e Federighi, e um S. Bernardino, de Vecchietta.

Na sala «Risorgimento», ornada com enfeites antigos da «Chiesa dello Spedale», e com efeitos de luz reflexa, foi posta uma série importante de estátuas da escola sienense do século vx, vendo-se, entre outras, obras de Vecchietta, Francesco di Giovanni di Sfanno, e outros.

Em duas salas contíguas figuravam as gravuras calcográficas das obras de Bologna, destacando-se a do célebre «Portale di San Petrónio».

Na capela foi exposta a gravura calcográfica da estátua de Ilaria del Carretto.

Em 1401, Jacopo tomou parte no concurso da porta de «San Giovanni di Firenze» com Ghiberti e Brunelleschi. Como não foi escolhido, o seu esboço não chegou aos nossos dias. Seja como fôr, as crônicas dão de entender como neste concurso se procurava o gosto particular dos florentinos, gosto que provavelmente diferia do sienense.

Cinco anos depois, do cinzel do artista, surgia uma verdadeira obra prima: o «Monumento d'Ilaria del Garreto»,

Nesta imagem descobre-se, na verdade, a doçura de expressão do mármore de «Ilaria» e a firmeza plástica dos seus panejamentos.

Depois, Lucca convida-o a decorar o interior da «Duomo» com 12 estátuas; um outro pede duas pedras tumulares para a Capela Trenta; Siena confia a Jacopo a «Fonte Gaja nel Campo».

Siena, confiando a Jacopo, o trabalho da «Fonte Gaia», fixou o prazo de 20 meses que se estendeu a 7 anos.

A obra constitui ainda hoje uma das obras primas da escultura: as estátuas e os baixo-relevos têm aspéctos delicados, o conceito é feliz e o encanto manifesta-se com uma grande doçura.

Se «Ilaria del Carretto» levantou o renome do Mestre, a «Porta Maggiore del San Petronio di Bologna» manifesta-se como uma gema de importância capital.

Na igreja de San Martino, em Siena, em San Gimignano e algures conservam-se de Jacopo, estátuas angélicas esculpidas em lenho, duma tal humana doçura, expressão e naturalidade que arranca exclamações de alegria e espanto.

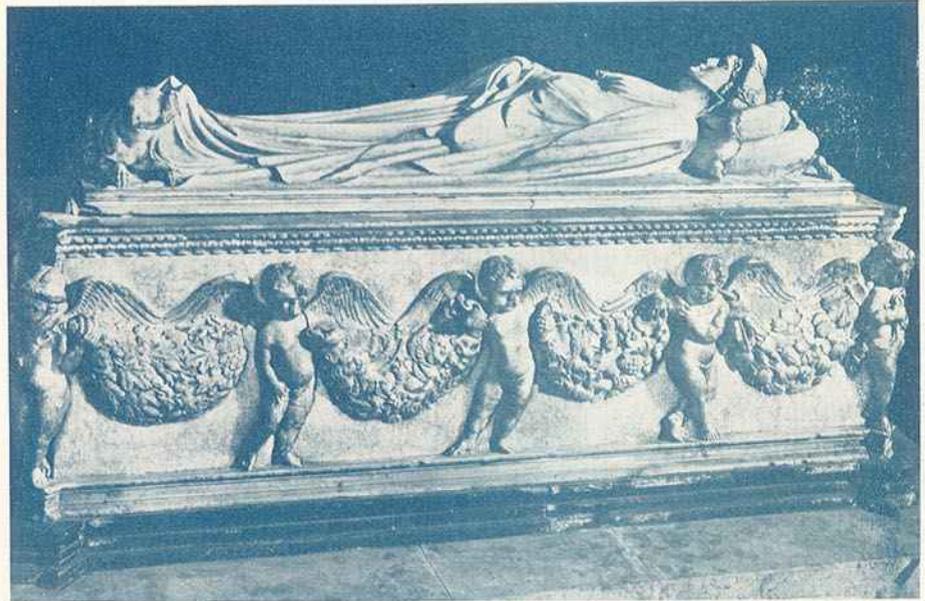
Nas diversas interpretações, elogia-se em Jacopo o naturalismo e o culto de



Pormentor da Caridade, na Fonte Gaia, em Siena — obra do escultor Jacopo della Quercia

A cidade de Siena festejou com toda a pompa o 5.º centenário da morte do seu estatuário Jacopo della Quercia. Filho do ourives Pietro de Agnolo, o pequeno Jacopo sentiu-se atraído para a arte da escultura. A sua primeira tentativa, aos dezassete anos, foi uma estátua equestre em madeira representando o capitão Giovanni di Azzo Ubaldini, obra que mereceu os elogios de Miguel Angelo.

A cidade de Siena, ao cabo de quinhentos anos, realizou uma exposição das obras do grande artista, ocupando as salas do primeiro andar do *Cívico Palazzo*. No vestibulo encontram-se expostas três estátuas do pai do escultor, e, na sala contígua ao Consistório, ornada com o antigo damasco vermelho da igreja de S. Martino, outras obras do Mestre e dos seus discípulos dilectos como Valdambrino e Nicoló de Cori. Ao centro, o *Apostolo di Lucca*, obra de grande imponência e beleza, a *Annunziata* enviada de San Gimignano, e cinco estátuas cedidas pela igreja de San Martino de Siena.



Túmulo de Ilaria del Carretto — por Jacopo della Quercia

destinado à Igreja de San Martino em Lucca».

Em 1408, após várias obras de menor fôlego, Jacopo completou uma «Madonna col bambino» para a Catedral de Ferrara, tendo alguns críticos levantado dúvidas quanto à sua autoria.

Verificou-se, por fim, que se trata de obra do Mestre sienense.

antigo. As «Madonas» e os anjos, as histórias da igreja, a exaltação da mocidade, mesmo nas frias tábuas de sepulcro, os contornos de vida ao canto perene das águas, receberem deste precursor miguelangelesco expressões de singela humanidade, que através dos tempos, confirma a grandeza do Mestre que Siena tão orgulhosamente exalta.



O gabinete de trabalho de Eça de Queiroz em Nentilly

II

O grande amigo em quem Eça de Queiroz mais esperanças assentara para a sua *Revista* — era Oliveira Martins, ainda que êle andasse muito embrenhado na Política e muito assombrado pela políthique.

Nem tôdas as cartas dos dois, que tocavam o assunto, foram publicadas. Mas duas das cartas de Eça a Ramalho Ortigão, ultimamente publicadas no *Dom Casmurro*, do Rio de Janeiro, deixam ver que houve então entre os cordeais companheiros d'As *Farpas* alguns equívocos, que não deixariam de ser desagradáveis, e de que Oliveira Martins teria sido o involuntário causador.

As *Farpas* haviam cessado a sua publicação, definitivamente, em 1882, e estava sendo reunida em volumes pela Casa Corazzi a colaboração de ambos os escritores.

E é manifesto que, mais de uma vez, êles tinham falado duma *Revista* em que de novo se associassem, sendo, como em 1871, Eça o da iniciativa.

Pois quando, decerto por haver desaperado de o arrastar à empresa, Eça, sozinho, pôe mãos à obra, o que se dá?

Ramalho Ortigão dissente, e, ao que parece, procura separar-se da *panelinha* do seu grande amigo, que contava com êle como um dos principais, senão o principal colaborador; tenta erguer tenda à parte.

Ainda que, infelizmente, não esteja publicada nenhuma das cartas de Ramalho a Eça, pode, um tanto, restabelecer-se a verdade sobre este conflito literário.

Escrevia-lhe Eça, em carta, datada de Paris, a 26 de Novembro de 1888:

"Vêm tarde tôdas as considerações sobre a *Revista*, que se deveria fundar. Este negócio marcha desde Setembro, e há cartas minhas para Genelioux, que, sem estar cobertas de selos do Estado e de firmas de tabeliães, me prendem todavia tanto como se as revestissem êsses símbolos tremendos. Concordeio que a *Revista bleue* era a publicação mais adequada a Lisboa; concordo com tanto mais alvoroço, quanto essa é uma velha ideia minha, com que muitas vezes em Lisboa tentei inutilmente aquecer o seu entusiasmo, e que Você agora devolve, en-

vernizada de novo, e ornada dum penacho sul-americano.

"Se dei a esta *Revista* o feitiço mensal é que êsse era o único compatível com a minha residência no estrangeiro; mas, afora esta razão de pessoal força maior, persisto em crer que, se no género *Revista* Portugal de alguma coisa precisa, é duma *Revista* de índole inglesa, como a *Contemporary* e a *Fortnightly* (em que a nossa é baseada) e não duma *Revue Bleue*.

"Enquanto à sua ideia de fazer uma *Revista*, não para nós mesmos e para o nosso país de origem, mas para as gentes do Pacífico e dos Pampas — ela seria *buffa*, se não nascesse dessa nobre e tocante tendência que Você tem de amar, com inteira ternura, todos os povos que visita...

Ramalho fôra ao Brasil em 1887, e alongara o seu passeio por alguns outros países da América do Sul, projectando escrever um ou mais livros sobre as impressões que dessas nações recebera, como antes fizera com a Holanda.

Eça continua:

"Aqui há três anos Você decerto me teria proposto dedicar a *Revista* à Holanda. E se daqui a anos Você fôr à Romêlia e ao Montenegro, tenho a certeza que me há de convidar a voltarmos para êsses cérrros bárbaros os olhos da nossa alma, como para o verdadeiro Sinai da Inteligência!

"Meu querido Ramalho! *Revistas* e jornais para a chamada *América Latina* — têm-se criado às dúzias, às grossas. Todo o literato, colocado na passagem dos paquetes do Pacífico, pensa imediatamente em exportar literatura para essas regiões selváticas. Têm-se fundado dessas *Revistas* em Londres, em Liverpool, em Bordeaux, no Havre, em Génova, em Cádiz! Umhas em francês, outras em espanhol, outras em português ou pseudo-português. Tenho-as visto, tenho-as folheado com o devido horror! Ainda há meses, em Londres, me caiu nas mãos um desses monstros, chamada (como Você queria para a nossa) *Revista de la América Latina*! — Pois tudo isto, comercialmente, tem falhado — porque o sul-americano é, de todos os seres humanos, o mais indiferente à *letra-redonda*. São chamados civilizados — por se saberem servir, mais ou menos goçemente, dos instrumentos de civilização que os outros inventam: mas êles próprios nunca tiveram um acto de civilização original — isto é, nunca tiveram iniciativa na esfera do Direito da Filosofia, da Religião, da Arte, nem uma só ideia sua, nem um feito, nem uma descoberta, nem um folhetim, nem um dito! A poesia parecia dever ser a sua expressão intelectual instintiva; pois, se Você lêr, como eu fiz, a colecção dos poetas

NOTAS SÔBRE EÇA DE QUEIROZ

As "Revistas" que sonhou, e a "Revista de Portugal", que realizou

mexicanos, chilenos, argentinos, etc., verá que êles são infinitamente inferiores aos líricos do *Almanaque de Lembranças*. Eu conheço-os, vivi entre êles..

É implacável, até ao extremo de bradar: — "Se Você me torna a falar na *América Latina*, agarro dum arêcho!

Eça distinguia entre o Brasil e a América Latina; e, ideando a sua *Revista*, só contava com Portugal e Brasil — como hoje diríamos, com a Lusitânia de Aquém e d'Além-Mar...

Depois vem os cálculos de venda: "Vender-se-ão 3.000 exemplares? Você, nas primeiras linhas da sua carta, diz que só se colocarão 300 exemplares, e de graça, nas mãos dos nossos amigos. Depois, adiante, partindo da ideia errada que Genelioux, como base de negócio, me fixava um limite de 2.000, acha pouco, chama ladrão ao Genelioux, e lembra o dito dêle — que nós "temos 4.000 leitores certos.. De sorte que Você, simultaneamente, na mesma página, julga a *Revista* — como operação comercial — destinada a um fracasso e a um *sucesso*!!

E tendo assim assentado as costuras ao seu amigo, esclarece o seu desígnio:

"Que importa! Isto é um empreendimento de literatura, e não de dinheiro — que eu ganharia mais a meu gosto, e em maior quantia, continuando a fabricar romances. Mas tive, como qualquer *chavuin*, o meu fogacho de patriotismo. A imprensa que entre nós domina, fala de alto, faz e desfaz a História — é mais sôrdida e vil que o vômito dum êbrio; por outro lado não há em Portugal um bocado de papel, onde se discutam, seriamente e com especial saber, as coisas vitais do país, onde as obras tenham o seu comentário, e onde se produzam os espiritos elevados que hoje (e isto sucede a Oliveira Martins, a Antero, a Teófilo, a Você próprio) não têm um jornal decente, onde decentemente digam o que pensam.

"Ora, nestas condições, eu decidi sacrificar-me, e fundar êsse bocado de papel..

Em vão tentaríamos definir mais completamente o que foi essa generosa iniciativa da publicação da *Revista de Portugal*: as palavras, tão simples e desprentiosas de Eça de Queiroz, dão-lhe o maior, o melhor relêvo.

E como se queixa da deserção do seu querido Ramalho e da sua incompreensão!

"E, até certo ponto, um acto patriótico — para o qual contei com tôdas as adesões. E elas vieram, largas e convicidas, mesmo dos mais endurecidos cépticos como o Casal, o António de Serpa, etc. Todos os nossos amigos se lançaram de alma, no caso. O Martins tem-se dado um *mal du diable*. Junqueiro, o mais in-

dolente dos homens, tem-se agitado. Etc., etc. Só uma adesão me faltou — a sua! Quando eu estava certo que Você, que tantas vezes tem declamado contra a nossa degradação de imprensa, me ia gritar — *vamos a isso com gana!* — escreve-me Você, propondo-me não sei que fantástico meio de nos pormos a reboque de Montevideu e da Bolívia, e termina por me dizer, por demais, e com a mais sacudida indiferença: — "escreverei todavia, se isso lhe convier..

"Quási me ia zangando — e abstenho-me doutros comentários sobre esta resposta, dada a um velho camarada, para me não deixar ir a palavras de melancólica amargura..

Todavia prossegue: "Acresce a isto que O. Martins me escreveu, há dias, uma carta onde se encontra este período: — "Ramalho veio aqui propôr-me uma imitação da *Revue Bleue*. Fiquei surpreendido, e contei-lhe o teu plano. O querer fazer-te concorrência seria idiota, etc.. — Não compreendi bem. A êsse tempo, já Você, querido Ramalho, devia ter recebido a minha carta. De sorte que todo êste caso se perde no vago duma trapalhada..

Notaremos que esta citação de Oliveira Martins devia ter sido feita de cór, sem ter a sua carta à vista, e tendo-a interpretado um tanto levanianamente.

Na *Correspondência* do historiador, publicada pelo seu sobrinho Francisco de Assis, vem assim:

"Escreveu-te o Ramalho? Êle veio aqui propôr-me uma revista semanal no género e tipo da *Revue Bleue*; disse-lhe os planos que tinhas, e que antes de prosseguir conviria escrever-te, pois não que-riamos nenhum de nós fazer concorrência. Seria idiota..

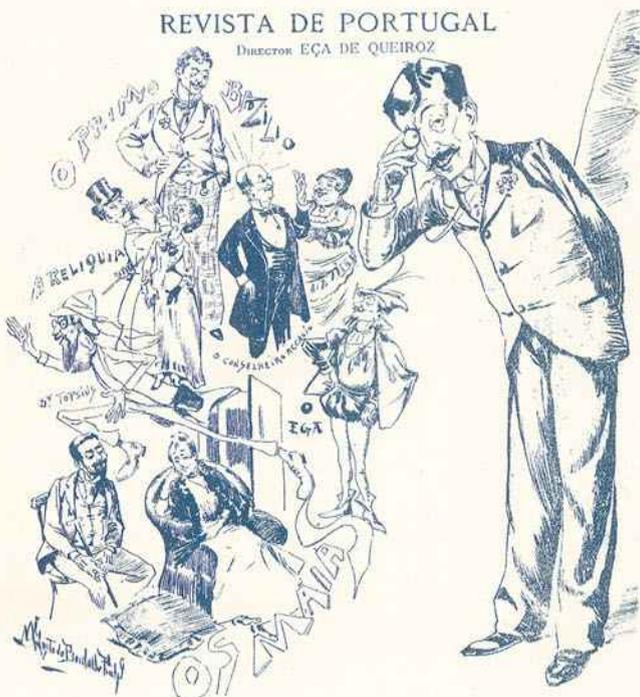
Ramalho recebeu as admoestações de Eça, e respondeu, decerto desgostoso, desfazendo-se em explicações. O bom Ramalho!

Eça rejubilou, sermoneando-o em tom jocoso (carta de 19 de Dezembro de 1888):

"A que tempos chegámos! Já o leão precisa mostrar com argumentos, tirados da eloquência e não das garras, que é forte! Já o sol, agitando os raios ansiosos, precisa provar com silogismos, que é dêle que vem a luz! E já o meu velho Ramalho necessita rabiscar três páginas e demonstrar que não é um trampolheiro!... Se quando Você desatou nesse arrasoado, eu estivesse junto de si, tinha lançado mão desse marmeleiro que Você parece guardar para os ombros dos seus amigos obtusos. Como estava a dois dias de viagem, encolhi os ombros até êles me ficarem mais altos que a cabeça, e gritei três vezes: — Cêbo! Oh asinal Ramalho, donde depreendeste tu que eu te suspeitasse de iras ao lusco-fusco, a casa

REVISTA DE PORTUGAL

DIRECTOR EÇA DE QUEIROZ



Página dedicada pelos Pontos nos 11 à «Revista de Portugal» da iniciativa de Eça de Queiroz

de O. M., embaçado na capa da iniquidade, propôr-lhe uma traição contra um velho camarada? Eu posso ser pronto e acessível à desconfinça como uma lebre. Mas conhecia bem a data em que mandara a notícia da *Revista* a O. M. e a data em que a mandara para a Calçada dos Caetanos. E nunca a obsecção da desconfinça, num ser pensante, pode ser tão densa que lhe faça esquecer que, na mesma semana, o Sábado vem depois da Segunda-Feira, e, no mesmo mês, o dia 30 depois do dia 151 O que eu quis pôr em evidência, citando a carta de O. M. era a estranha falta de harmonia que entre nós se dava neste caso da *Revista* — uma desarmonia, que se produzira tão pronta e instintivamente que, enquanto eu cá planeava e organizava uma *Revista* de certo feito, Você aí, sem nada saber, meditava uma *Revista* de feito justamente oposto. Quando eu contava que nos íamos achar em colaboração — vi que nos achávamos em contradição: e isto desde logo introduzia no meu plano um dissolvente elemento de trapalhada..

E segue, sobre este motivo de trapalhada, atrapalhando, até concluir a objurgatória:

"Era isto que eu queria notar. Se a minha prosa me traíu e lhe levou a minha ideia pouco nítida, Você, homem abominável, devia estar (tinha obrigação de estar) bem certo de mim, para ver

logo que o mal estava na minha redacção — e não na minha intenção. Viu o contrário, e eu tenho o direito de lhe gritar, como supremo resumo: *Irta, animal!*..

Mas Eça tem ainda um certo ressentimento, e desaba:

"Enquanto ao seu "tom sêco" na promessa de colaboração — não me retrato. Caramba, foi sêco, foi árido! Não o seria vindo do José Luciano ou do defunto Fontes. Mas, quando se está habituado, numa experiência de 20 anos, a receber sempre dum amigo, em tudo, um *sim* efusivo, e gritando com a boca aberta, fica-se um pouco entupido ao receber um *sim* restringido e vindo através de lábios fechados. Você diz agora que não é assim: eu continuo a dizer que foi assim. O melhor é acharmos que temos ambos razão — e venham de lá êsses ossos!

Mas, receando que o seu amigo não esteja ainda bem convertido, explica-se:

"Agora em quanto à *Revista*. Só posso repetir que eu estou, por ora, prêso ao Chardron — e votado à *Revista Mensal*. Mas acho que nesta sua carta (a carta da desconfinça, para por êste nome a distinguir da outra) Você tem, em muitos pontos, grandemente razão — exceptuando sempre essa América Espanhola, que tem o dom de me irritar. É evidente, como



Inauguração do monumento a Eça de Queiroz, em 9 de Novembro de 1903 no Largo do Quintela—Ramalho Ortigão lendo o seu discurso—(Desenho tirado do natural por A. Veiga)

Você diz, que a *Revista*, rompendo por um *succès*, há-de ao fim dum ano, quando muito de ano e meio, falhar pelo lado da colaboração. Não sómente os colaboradores são poucos, e são indolentes — mas quasi todos, quando fecundos, têm apenas um artigo no crâneo. Dado esse artigo, ficam vasios. A *Revista*, além das suas secções fixas, precisa de três bons artigos por número — três artigos de Crítica, de Ciência, de Literatura geral. São no ano 36 artigos. Eu tenho 40 colaboradores. É a conta: — a Revista dura um ano!

E como, apesar do apêgo às suas ideias, Eça tem um grande sentido de conciliadora tolerância, não se fica por aqui a sua consolação ao velho camarada:

“E então? E então, muito querido Ramalho, ao fim dum ano, ou antes, muito antes, quando se sentir que ela vai a falhar — transformámo-la na *Revista Semanal*, género *Spectator*, amalgamado com *Revue Bleue*, e vendêmo-la nas ruas, não de Buenos Aires, mas de Lisboa, por um pataco ou três vintens... Entra então em cena o seu projecto, com a maior soma possível de *verve*, e a menor porção possível de *Montevideu*. E estou convencido que essa *Revista* pega, e com *colle à froid*. Lucra ela, porém, em ter vivido um ano, sob a massuda forma *des Deux-Mondes*? Lucra manifestamente: — lucra ter já um fundo de assinantes; um corpo de colaboradores que sabe do “tónico esforço de procurar escrever bem”; e uma massa geral de Público, tendo tomado o gôsto à literatura bem feita, e sem desejos de voltar a alimentar-se nas *Novidades* e no *Reporter*. Tudo isto é um terreno bem preparado, e são excelentes os materiais de construção. Não há casas melhores, nem mais pitorescas para se habitar, do que as que se erguem sobre as ruínas dum convento.”

E, ainda, como quem, para mais lhe

chamar a atenção, lhe pega pelo botão do casaco:

“Não há motivo, pois, para que Você me não dê esse *sim* efusivo, e berrado a tôda a voz — que eu insisto, em afirmar que Você me não deu. É necessário mesmo já no convento (*Revue des Deux Mondes*) ir preparando a casa ligeira que, depois, queremos levantar. Eu, por exemplo, talvez organize na *Revista* uma secção alegre, sob o título de *Notas do Mês*. Não a anuncio no *Programa*, que é solene e pronunciado com *ore rotundo*. Mas apresento-a de surpresa.”

E o sim pelo não, vai-lhe logo distribuindo tarefa:

“Você, por seu lado, deve dar, desde logo, alguma coisa de brilhante, de novo, de bem humano, e de bem moderno. Tenho até para Você um assunto — ou antes um título para Você encher. É — A



Eça de Queiroz — caricatura de Stuart

Sociedade no Rio de Janeiro. Sociedade, no sentido de *monde*. No primeiro número, isto seria *supinamente vantajoso*. Fazia no *Brasil* o successo do número, e, desde logo, da *Revista*. *Qu'en dites vous?* Se é necessário suplicar — aqui me tem de mãos erguidas! Para o segundo número, havia, regressando à nossa terra, outro artigo a lançar — *A Sociedade e a Política* — isto é, a relação actual, ou antes a incompatibilidade actual da *gente da política* e da gente do mundo, dos *centros* e dos *salões*. Eu toquei este ponto, nos *Maías*, numa frase. Ele necessita um volume. Porque é que o Conde de Gouvarinho não recebia os seus correligionários nas suas *terças-feiras*? Daqui todo um estudo social — sobre os políticos, seus costumes, modos, talentos, e unhas roídas.”

Era uma doutrinação! Ramalho não gostou? Não tenho aqui comigo a colecção da *Revista de Portugal*, que o meu querido amigo António Lelo me deu vai para vinte anos, mas como a folheei muito, quasi posso afirmar que nos seus 24 números não há uma linha de Ramalho Ortigão... Ficou os dois anos à espera que se passasse do mosteiro para o airoso *cottage*, que preferia para sua habitação, sem se dar por convencido a entrar na cela que lhe destinava Eça!

Todavia este dava-lhe do melhor que tinha: não sei se reparar na semelhança dos assuntos dos artigos que propunha a Ramalho — senão, dos títulos! com os dos trabalhos que João da Ega dizia já preparados para a *Revista de Portugal*, que êle e Carlos da Maia, fundariam: — *A Capital dos Portugueses* e *Porque falhou entre nós o sistema constitucional*. Claro, abrangendo no mesmo ciclorama a Lusitânia d'Aquém e d'Além Mar...

A *Revista de Portugal*, apareceu em Julho de 1889. Atravessando várias crises, a sua publicação só terminou em 1892.

E o *Magazine*?

Em 1895-96 tentou-o: seria êle o Director, e Alberto d'Oliveira o Secretário. Devia ser editado pela Casa António Maria Pereira. A capa foi composta por Columbano. Os primeiros números estavam prontos a entrar no prelo. Chamou-se-lhe *O Serão*.

Alberto d'Oliveira indica como causas de falência deste projecto, tão adiantado, o facto de Eça ter regressado a Paris (estava a férias em Lisboa, quando se realizaram as combinações) e o de êle ter ingressado no Ministério dos Estrangeiros.

Mas é licito supôr que, ainda que privado de tal Secretário, Eça não desistia.

O que o demoveu decerto foi a fundação, em Paris, duma revista luso-brasileira — *Revista Moderna* — da qual seria o inspirador e em que, a princípio, pôs grandes esperanças. Fez a sua apresentação, e nela publicou alguns contos e vários outros escritos, além de grande parte d'*A Ilustre Casa de Ramires*.

LOPES D'OLIVEIRA.

ATRAVÉS DE PORTUGAL

QUANTAS VEZES nos acontece procurar longe o que tão perto temos, um gasto inútil de energia, dinheiro e tempo.

Muita gente viaja através de todo o mundo conhece a beleza ardente da Andaluzia as maravilhas de Granada, os encantos de toda a Espanha, tão cheia de seriedade nos seus aspectos, as paisagens suaves da França na Zauraine, maravilhosas de luz na Provença, grandiosas no Alto Delfinado.

As belezas dos lagos da Suíça onde se refletem as montanhas soberbas, que a neve corôa como uma branca cabeleira. Desceram o Reno entre soberbos castelos. Percorreram as paisagens suaves da Inglaterra e da Irlanda.

Estenderam até á América do Norte e do Sul as suas viagens e não conhecem de Portugal senão Lisboa e os seus arredores.

E no entanto Portugal sendo um país pequeno tem dentro das suas fronteiras, todos os encantos e belezas, que tão longe vamos procurar.

Desde as praias de incomparáveis areias douradas, ás vastas planícies, á montanha soberba, tudo nós temos no abençoado torrão, que temos a glória de ter por pátria.

Foi-me dado agora percorrer duas províncias que não conhecia e que deixaram no meu espírito uma perdurável impressão de beleza e de riqueza.

Riqueza de paisagem dum impressionante beleza que uma incomparável luz põe em destaque e relevo.

Essas duas províncias são o Alentejo e a Beira Baixa e um pouco da Serra da Estrela.

✱ Tenho viajado bastante, tenho visto paisagens lindas, mas as planícies e montados, que agora percorri, as serrânias que visitei, não são inferiores em beleza e graça ao que já vi por tão variados países.

Ao sair de Lisboa em automóvel logo a deslumbrante travessia do rio em que a cidade em sete colinas se nos apresenta como pano de fundo, faz com que a viagem comece com o mais profundo interesse. As terras ricas da Outra Banda com os seus extensos vinhados, os olivais de prometedora abundância, tornam suave a paisagem que a primavera esmalta de todas as cores, que as deliciosas flores silvestres possuem. Pinhais lindíssimos, cortam o que se poderia tornar monotonia, e, o encontro da grandiosa propriedade de Rio Frio, com o seu palacete e dependências agrícolas, põem-nos em contacto com as grandes fortunas alentejanas. E começa diante de nós o Alentejo.

A estrada magnífica leva-nos a Vendas Novas onde recordações de outros tempos, nos fazem sentir o engrandecimento dum terra e a sua crescente prosperidade.

Casinhas brancas, com as janelas floridas e brancas cortinas de impecável asseio dão-nos a surpresa duma civilização, que evoca os chalézinhos suíços de tão gracioso aspecto, que encanta os olhos.

Montemor faz-nos sentir o que é uma rica vila alentejana com as suas moradias que são verdadeiros palácios, e a alvura deslumbrante das casas que ladeiam as suas limpas ruas, que apresentam um atestado de asseio aos seus habitantes, que muito os honra e os pode orgulhar porque é verdadeiramente impecável.

Arraiolos em seguida com as ruínas do seu velho castelo, que as floridas olaias rodeiam, como um garrido «bouquet» ao peito de velhinha vaidosa, faz-nos evocar os lindos e velhos tapetes, glória de arte das mulheres de Portugal, que principiaram nas santas mãos de monjas, daquela terra.

Casas lindas, palácios grandiosos e por toda a parte êsse aspecto de abundância, que consola e encanta.

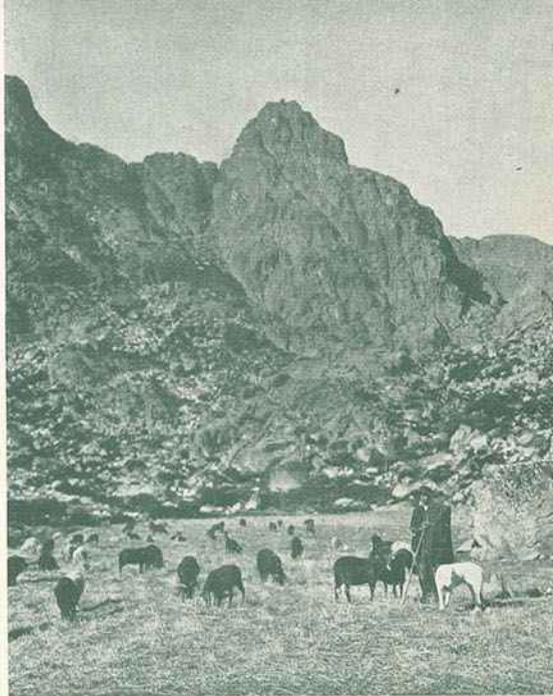
A estrada que de ali nos leva a Extremoz, torna se deslumbrante, caminhamos entre o ouro do tojo e das giestas floridas. entre os extensos olivais ou sobreirais, que lembram a riqueza dum cultura, que engrandece um país. Extremoz aparece garrido e branco ao longe, começamos a rodear muralhas e passos dum grande e antiga fortaleza e repentinamente estando em frente do arco artístico da porta de entrada, da vila, que se conserva fechada na antiga fortaleza. Bonita e alegre vila com as suas igrejas de valor inestimável, com o seu gracioso e amplo jardim que acolhe os viajantes, como sorriso em boca de jovem bela.

Sai-se por outra porta da fortaleza; que a linda vila é ciosa de seus encantos e não os esbanja, por livres estradas. E aí vamos a caminho de Portalegre atravessando povoações e enormes extensões em que ondulam espigas de sementeiras, onde as papoilas põem já o rubro das suas corolas, as vaidosas papoilas, que sacodem os seus chapelinhos vermelhos.

Portalegre já nos começa a dar um aspecto pouco diferente, começa-se a subir, montes cercados de verde, casas brancas, um sanatório, atesta-nos a excelência do ar e a casaria de aspecto rico diz-nos, que a cidade vive em abundância.

E logo seguimos uma trepedeira constante a caminho de Castelo de Vide, a Sintra alentejana. Mas deixamos ao longe a linda vila, e, seguimos para Niza, porque a tarde aproxima-se e Castelo Branco ainda está longe.

Niza uma pequena e alegre vila, e lá vamos correndo através dum estrada esplêndida. Um desliz suave que nos embala. Estamos já nas



O Cântaro Magro na Serra da Estrela

proximidades do Tejo, a estrada em contínuas curvas leva-nos a uma das mais soberbas belezas do nosso país as Portas de Rodam.

Ao chegar á ponte que atravessa o Tejo, uma paragem para admirar a incomparável e grandiosa majestade da vista que em frente nos deslumbra.

O Tejo corre entre floridas margens, que a luz suave de meias tintas dum tarde de primavera, envolve na sua doçura. E ao fundo as duas paredes de basalto em estreita garganta, guardam o rio, como sentinelas vigilantes que a custo deixam escoar as suas cristalinas águas, como se quizessem unir se, apertá-lo ali e não o deixar correr mais, guardá-lo nesse aumento amplexo, conservá-lo para si e para a fertilidade desses vales que para o outro lado o rio percorre em curvas suaves e doces.

Espreita-nos ao longe Vila Velha de Rodam, entramos na Beira, começamos a subir e a paisagem a mudar de aspecto, mas não é só a paisagem que muda, as casas já não são brancas e garridas, as flores e as cortinas já não guardam as janelas. Casas negras de pedras soltas telhadas de negra telha atestam um desconfortável viver que o clima áspero deve tornar doloroso em excesso, para a pobre gente que nos vê passar.

Castelo Branco avista-se. É uma cidade de boas casas, estreitas ruas, largos bonitos, boas lojas, e palácios grandiosos aqui e ali. As igrejas são grandes e de aspecto rico.

Mas temos de seguir não é êste o termo da nossa viagem e a Covilhã espera nos ao longe.

E começamos a preparar; a Serra da Estrela já é o pano de fundo da paisagem. E em pouco tempo começamos a ver a Covilhã branqueando nas faldas da Serra.

A Covilhã que a imagem de Nossa Senhora protege, é uma terra fabril, rica, toda em estreitas ruas e escadarias, centro hoje de turismo, para as penhas da saúde onde no inverno os esquiadores se divertem. Depois dum repouso de dois dias nessa cidade de água deliciosa e ar puríssimo lá fomos á Serra.

E aí o deslumbramento foi completo. A estrada estreita e difícil atravessando a densa e formosíssima floresta, causa um certo susto. A meio caminho um lindo mirante oferece-nos a mais deslumbrante vista sôbre a cidade, a encosta e o vale.

Seguindo para diante encontramos o grandioso Sanatório Ferroviário que não tem que invejar em nada os melhores da Suíça, nada lhe falta mas... está fechado porque não tem dotação para funcionar e receber os doentes e entretanto... morrem em Portugal tantos e tantos tuberculosos sem assistência alguma, confrange-se-nos o coração ao pensar que se está a estragar êste edifício que custou milhares de contos, e de nada serve aos que tanto sofrem.



Aspecto geral do Sanatório Ferroviário na Covilhã

MARIA DE EÇA.



O americano Cunningham, que vem cortar a meta vencedor na campanha da milha em pista coberta, propõe-se esta época bater o recorde mundial daquela distância, que os seus tempos constantemente aproximam

A velocidade é, incontestavelmente, a ambição sempre insatisfeita da velha humanidade; galgar rapidamente o espaço trás ao indivíduo a emoção vertiginosa do triunfo sobre as forças inertes da natureza e qualquer progresso na rapidez de deslocação, fácil de verificar pela mecânica infalível de aparelhos apropriados, é testemunho incontestável de aperfeiçoamento ou acréscimo de capacidade física.

Em todas as variantes de desporto, a velocidade é a virtude soberana, a que domina todas as outras e aquela que mais apaixonou a opinião pública; nos desportos mecânicos é ela procurada como o objecto essencial do trabalho científico dos construtores e do arrojado sem limites dos tripulantes das máquinas.

Embora sejam conhecidos todos estes factores e, a evolução do progresso nos tenha habituado ás mais extraordinárias

proezas, foi acolhida com admiração a notícia de haver sido batido o recorde da velocidade de vôo pelo piloto alemão Hans Dieterlé; surpresa que não provinha do valor do limite atingido, porque nesse campo já nada pode surpreender, mas da circunstância de haver sido num aparelho terrestre que o aviador conseguiu o seu intento.

A máxima velocidade até à data conseguida no ar, era de 709, km 209 e fôra obtida em 24 de Outubro de 1934 pelo italiano Agello em hidro-avião bimotor com 2800 c.v. de força motriz; em avião terrestre o recorde fôra fixado pelo alemão Wurster em 610, km 950, e esta inferioridade resultava da impossibilidade de conseguir em aparelhos extremamente rápidos uma velocidade mínima que permitisse a descida em terreno firme.

O êxito da tentativa de Dieterlé demonstra os enormes melhoramentos técnicos realizados em matéria de aviação; o motor do aparelho de que se serviu tinha apenas 1175 c.v. de força e os dispositivos de hipersustentação introduzidos na moderna construção permitiram reduzir a velocidade mínima sem prejuízo do aumento da velocidade máxima.

Estes 746 quilómetros por hora são a imagem precisa dos progressos gigantescos alcançados com a aplicação científica das fórmulas modernas e a consequência do rendimento excepcional dos actuais motores de aviação.

Foi incontestavelmente brilhante a apresentação portuguesa nos Campeonatos da Europa de hockey em patins, onde uma vez mais conseguimos a 3.ª classificação, competindo com as equipas de seis nações: Inglaterra, Itália, Alemanha, Bélgica, França e Suíça.

Tendo vencido no primeiro dia do torneio o grupo italiano, foi por este contestada a legalidade do resultado e anulado o encontro à face das declarações posteriores do árbitro; na repetição do jogo, disputado na manhã da jornada de encerramento, fomos largamente batidos e, de frontando mais tarde a França, competidor dos mais fracos, melhor não obtivemos do que o empate.

Não pretendemos nesta crónica comentar o valor de acontecimentos que foram o assunto preferido das conversações des-

A QUINZENA DESPORTIVA

portivas durante o tempo em que conservaram fresca, nem tão pouco pronunciar julgamento acerca da justiça de decisões sobre as quais não possuímos elementos definitivos; parece-nos apenas interessante, depois de arquivar um facto que prestigia, sem dúvida, o arquivo internacional do desporto português, extrair uma conclusão da forma como decorreu a actividade dos nossos representantes e aproveitar-lhe os ensinamentos para futuro.

O exame dos resultados dos portugueses nos sucessivos encontros em que tomaram parte mostra-nos à evidência um decréscimo regular de eficiência; aos dois triunfos notáveis que coroaram a primeira jornada do campeonato, antepõem-se dois fracassos indiscutíveis no dia da conclusão da prova. Temos a impressão de que a Itália e a França, de frontando Portugal no dia da abertura (e este argumento verificou-se em parte) não se saíram tão airosoamente da contenda como o fizeram mais tarde.

Houve, portanto, uma quebra de capacidade realizadora nos jogadores nacionais, a qual só pode ser atribuída a fadiga resultante dos rigores duma competição intensiva, muito além dos moldes daquelas que estão habituados a disputar no país. Como a preparação que seguem é, quando muito, suficiente para as exigências dessa actividade moderada, succedeu em Montreux faltar-lhes resistência física para os repetidos e próximos esforços exigidos pelo programa do torneio.

Não será, pois, arrojado afirmar que a equipa portuguesa foi prejudicada no aproveitamento da sua classe desportiva pela insuficiente ou imprópria preparação física prévia.

Os dirigentes do desporto português não olham em regra a este pormenor, interpretando-lhe a importância capital como digna de somenos atenção: escolhem os elementos de maior classe e em melhor forma, aperfeiçoam-nos tecnicamente, mas esquecem que a resistência física, o arcaboço atlético, são as bases sobre as quais devem assentar as faculdades que cultivam em especial. E se as bases ruem, o edifício desmorona-se, por mais sólida que seja a sua construção.

Uma vez ainda vem à evidência portanto, o erro estrutural do desporto lusitano. Engana-se quem nos suponha privados de qualidades naturais para a prática dos exercícios físicos e interprete as derrotas sofridas como sintoma de irreversível incapacidade; o atleta português é capaz de igualar os melhores, e consegue-o às vezes num rasgo de energia heroica ou de inspiração excepcional, mas alcança-lo-ia com regularidade se lhe fôsse inculcadas no ânimo desde a mocidade as regras da disciplina desportiva e habituado o corpo aos preceitos da educação física rigorosa.

A crise do desporto português não é

uma crise de faculdades rácicas; é o produto da carência de recursos do meio e da ignorância de processos dos orientadores técnicos. Compensada uma e corrigida a outra, os resultados responderiam pela razão destes argumentos.

★

A proclamação dos resultados das diversas competições que compuzeram os torneios de ginmástica educativa e desportiva que o Ginmástico Clube Português organizou no mês passado, e nos quais a colectividade promotora conquistou, como era esperado, larga parte de leão, encerrou a actividade da simpática iniciativa; antes que o assunto passe para o rol dos casos esquecidos, é oportuno repetir uma vez mais que, apesar dos defeitos e deficiências regulamentares ou técnicos que lhe possam ser apontados, ele teve certa feição de utilidade que seria conveniente não perder para de futuro, impedindo que desapareça do calendário tão pobre das actividades físico-culturais uma organização cujo passado foi brilhante e utilíssimo.

Ninguém regateará louvores ao Ginmástico pelas suas intenções de organizador; pode, quando muito, discordar-se do critério de aplicação, mas esse é remediável desde que todos os interessados ponham na solução do problema uma parcela de contemporização e o firme propósito de servir a causa da ginmástica acima das suas conveniências particulares.

É incontestável que os concursos deste ano, sobre tudo aquele designado de ginmástica educativa, nos deixaram a impressão saudosos dos concursos precedentes; que diferença, entre o ambiente familiar e a frequente monotonia das jornadas de agora, e o entusiasmo, o valor e o interesse das sessões de outrora!

Reconhecemos a impossibilidade de retomar os antigos moldes, mas admitimos sem custo a hipótese de encontrar uma solução intermediária conciliatória que permita de novo a participação de todos os centros de cultura ginmástica, que fôram afinal os elementos principais do êxito do empreendimento do Ginmástico Clube.

Atrai-los de novo, deve ser o objectivo do prestimoso instituto; isolado, acusando-os de intenções que por certo nunca tiveram, não poderá alcançar os resultados que a sua obra merece.

Nos concursos de ginmástica não deve estabelecer-se a ideia da competição como primeira finalidade; a solução ideal seria aquela que assentasse sobre uma classificação em mérito absoluto, relegando o julgamento do mérito relativo para plano absolutamente secundário. Eliminar-se-iam desta forma os melindres e as causas de retraimento, colocando a organização no seu mais fecundo e interessante aspecto de necessária propaganda e de público testemunho da evolução e progressos duma actividade educativa imprescindível para a saúde da Nação.

Os progressos alcançados pela divulgação da ginmástica educativa devem-se em grande parte ao aumento de frequência das exhibições públicas de classes de todo o género que a iniciativa particular nestes últimos anos tem promovido em Lisboa. Mas o objectivo não alcançou



O regresso da primavera foi acolhido com júbilo pelos amantes do desporto náutico e, em Portugal como em todo o mundo, as suas brancas velas voltaram a animar com a sua presença alegre as águas dos rios e lagos sobre as quais destilam o impulso do vento

ainda o desenvolvimento preciso e, por tal razão nenhum elemento da campanha pode ser desprezado.

SALAZAR CARREIRA.



A partida do campeonato nacional de cross, na categoria dos juniores, prova da qual saiu vencedor o sportingista Afonso Henriques, o segundo a contar da direita



O hockey em campo é um dos jogos mais praticados pelas equipas femininas estrangeiras, cujas componentes lutam com entusiasmo de que este seja o típico exemplo

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick, língua; Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; Moreno; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 28

(Totalidade — 15 pontos)

QUADRO DE HONRA

Siulno e Rosa Negra

QUADRO DE MÉRITO

Cavaleiro Branco, Marcolim, Eusapesca, Morenita, Palmira Ferreira, M. A. P. M., Aço, Alvarinho, Biscaro, Copolónico, D. Pericles, Erbelo, Meio-Kilo, Mora-Rei, Papa-Almudes, Mr. Moto, X-8 e X-9 — 14 Ti-Beado 13. Francisco J. Courelas, Sevla, Mirna, Dama Negra, Agasio, Diriso, J. Tavares e Matina — 12. Ramou Lácrimas, Sol de Inverno, Tarata, Visconde X, Aurelinda, Anjo das Serras, e Aristofanes — 10 Cigano e Neptuno — 7.

DECIFRAÇÕES

1 — Aiaia 2 — Perús. 3 — Prazo-dado. 4 — Empregado. 5 — Trovador. 6 — Dobrado. 7 — Patola. 8 — Gasguita 9 — Contradita. 10 — Alcaquete 11 — Ré(fre)ga. 12 — Sof(tur no. 13 — Rí(mo)so. 14 — Fa(cun)do. 15 — Em caindo o Natal à segunda-feira o lavrador tem que alargar a eira.

HOMENAGEM AOS CONFRADES DE ANGOLA

O presente número desta secção é dedicado aos estimados confrades da nossa importante colónia de Angola. É justa esta simp'es homenagem atendendo à dedicação e carinho com que os charadistas daquela nossa província vêm rimoscando este «Desporto». Para eles vai a nossa estima e o nosso reconhecimento.

CORREIO PARA ANGOLA

Mr. Le Bossat. — Parabens, pelo seu triunfo no 7.^o ano liceal. Como agora está liberto dêsse pesadêlo, aguardamos com maior assiduidade a vossa apreciada colaboração.

Ti-Beado. — Recebemos as suas estimadas cartas de 7 e 16 do mês de Março e 1 de Abril e respectiva colaboração. Desejamos lhe um rápido restabelecimento e maiores felicidades no futuro. Ainda temos colaboração vossa para publicar, à medida que dela formos necessitando.

Fernando Costa. — Recebemos a sua colaboração e esperamos novas remessas.

Um Misterioso. — Muito sensibilizado pelas suas considerações, desejamos que jámais deixe de nos honrar com a sua variada colaboração.

Enigmático e D'Artagnan J.^{or}. Tal como já afirmámos aos colegas supracitados, agradecemos a vossa remessa de colaboração e aguardamos futuras.

Dr. Sicasar. — A este nosso dedicado confrade e amigo devemos, particularmente, a colaboração dêste número. Recebemos a sua carta e vamos tratar do envio dum novo exemplar do n.º 314, conforme pede. Confessando-nos muito grato ficamos ao vosso dispor. Recebemos mais duas cartas com variada colaboração. O jornal a que se refere está suspenso.

Observação: O presente número entra para todos os efeitos, no concurso trimestral a que diz respeito.

PRÉMIOS

Serão atribuídos, particularmente, no presente número os seguintes prémios: 1 obra literária no valor de 10\$00 ao autor da melhor produção, em verso e prosa, dentro de cada espécie.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 37

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

(Saüdando os illustres confrades do «Desporto Mental»)

1) O moço chegou tristonho — 7-8-1-8
Ao regressar à aldeia — 1-6-5
Donde partira risonho
Em noite de lua cheia

P'ra «proceder» como um homem — 3-5-8-1-6-5
Foi p'ra longe trabalhar:
E as mágoas que o consomem
Tráz no rosto a transpirar — 5-4-1-2-5

Para alimentar a vida,
Cavou num chão venenoso...
Com a saúde perdida
Volta à terra lacrimoso.

Luanda

Um Misterioso

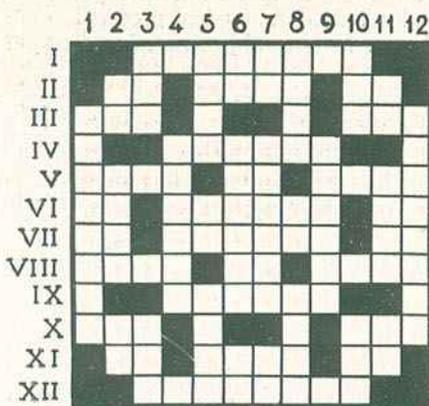
CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

(Ao meu amigo Pedro Cardoso)

2) Era de tarde... tarde em mês de Abril...
em que se ouvia ao longe o rouxinol
saüdando os raios últimos do sol
daquele dia, tão primaveril!...

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 6



Luanda

Um Misterioso

HORIZONTAIS

I — Subscripta. II — Observei; pedir; bispado. III — Calote; actualmente. IV — Páteo. V — Avalei; oh! culpa. VI — Aparência; desgostos; modo. VII — Sol (entre os Egípcios); dá coragem; ermo. VIII — Vir a propósito; artigo e proposição; par feminino IX — Género de plantas rutáceas. X — Além; velho. XI — Distava; fora! — palmeira do Brasil. XII — Donos de mi-nhos.

VERTICAIS

1 — Militar. 2 — Oca; datas; adivinhei. 3 — Preceptor, andavam. 4 — Lira. 5 — Ecoou; o magnificante. 6 — Passar; cingir; pilar. 7 — Nada; dominou; mofa 8 — Instrumento de defeza; porco (invertido); sofrer. 9 — Ofendida. 10 — Ocasão; zombas. 11 — Depois; rasoira; a consciência. 12 — Suaves.

Luanda

Um Misterioso

E, mirando essa vaga claridade,
que, a pouco e pouco, emfim, se amor-
[tecia, — 1

Ele pensava na cândida Maria
que conhecera desde tenra idade.

Nutrindo por ela um amor profundo,
acreditou, num esto de alegria,
que ela, por sua vez, a simpatia
a ninguém mais daria, neste mundo.

Um dia, porém, foi êle sabedor — 4
de que ela com um outro se falava;
notou o equívoco: êle, sim, amava
porém ela é que não lhe tinha amor!

Luanda

Enigmático (T. E.)

SINOPADA

3) Amor é cruel «moscardo» estranho
que pica sem nos fazer sofrer!...
E' cacete de grande tamanho
que bate, que esfolta, sem doer!... — 3-2

Luanda

Mr. Le Bossat

ENIGMAS

4) Coloca a lei
entre vogais,
ambas iguais,
que um elefante
sem dentes v'rás.

Luanda

Ti-Beado

TRABALHOS EM PROSA

ADITIVAS (Novíssimas)

(Ao dr. «Sicasar»)

5) O teu amigo parece uma «laranja descasca-
da!...» Tão novo e já tão... esquelético!... — 2-1.

Luanda

Mr. Le Bossat

6) Descubra a quem pertence esta «ave» e re-
ceberá, em paga, um apêrto de mão. 2-2.

Luanda

Fernando Costa

(Ao confrade «Meio-kilo», agradecendo a sua
sinopada do «Desporto n.º 30»)

7) Gosto do fado. Tenho pena de não o saber
cantar e, por isso, não sou feliz. 3-1

Luanda

Dr. «Sicasar» (T. E. — L. A. C.)

8) Porque se queixa da flor da espongeira? 1-2.

Luanda

Ti-Beado

ENCADEADAS (Mefistofélicas)

9) Casa em que não há cão nem gato, é casa
de velhaco espirituoso. (2-2)3.

Luanda

Ti-Beado

10) Se, no decorrer da vida, encontro dificuldade
no meu trabalho, entrego-me ao diabo. (2-2)3.

Luanda

Dr. «Sicasar» (T. E. e L. A. C.)

11) Se julga que no «jogo» há felicidade, de-
sengane-se, cautela! (2-2)3.

Luanda

Fernando Costa

12) Todo o mesquinho, pelo simples ruído da
voz, conhece a gente estólida da mesma igua-
lha. (2-2)3.

Luanda

D'Artagnan J.^{or} (L. A. C. e T. E.)

SINOPADAS

(Ao Director, saudando o)

13) Tudo o que é agradável faz-se de boa von-
tade. 3-2.

Luanda

Mr. Le Bossat

14) Também tem céu da boca a «ave»? 3-2.

Luanda

Fernando Costa

15) Quem se dedica à política, hoje em dia,
verá mal parada a sua vida. 5-4.

Luanda

D'Artagnan J.^{or} (L. A. C. e T. E.)

(Aos «novos» em geral)

16) É digno de apreço ver os progressos dum
principiante. 3-2.

Luanda

Enigmático (T. E.)

Tôda a correspondência respeitante a esta
secção deve ser dirigida a: Isidoro António Gayo,
redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.^o —
Lisboa.

NOTÍCIAS DA QUINZENA



Chegada de sir Kingsley Wood, ministro da aeronáutica britânica, a Liverpool. A gravura acima mostra o ministro, acompanhado por sir Alexander Roger, visitando, na Fábrica Automatic Telephone, os técnicos portugueses, dos C. T. T. que ali se encontram



O senhor Presidente da República com o Governo no Palácio de Belem no dia do aniversário da proclamação do Chefe do Estado. — *Em cima, à esquerda:* O sr. dr. Júlio Dantas, presidindo, na Academia das Ciências, à conferência de sir Denison Ross, sobre «As viagens de António Tenreiro»



Um aspecto da assistência ao banquete realizado em 10 de Abril no Salão «Imperium» comemorando o 10.º aniversário da fundação dos Inválidos do Comércio, modelar instituição que é mantida pelo comércio português para uma grande finalidade de humanitarismo



horas e não se preocupe com método e pontualidade, é uma questão de ponto de vista pessoal, que do momento que não fere mais ninguém dará um desiquilíbrio à vida, de que se não pode queixar, porque só a si própria prejudica.

Mas como são pouquíssimas as pessoas que assim vivem, aquelas que têm essa tendência sejam donas da casa ou nela vivam como filhas ou subordinadas, tem o dever de se modificar, porque com uma vontade firme todos os nossos defeitos são modificáveis, para não incomodar as outras pessoas com a sua falta de ordem.

A ordem, o método, a pontualidade tornam a vida fácil não só a quem dirige uma família como aos que lhe estão subordinados. Nada mais triste do que uma casa onde reina a desordem e o desmazelo se instala, porque é o que fatalmente acontece. A harmonia é também indispensável essa harmonia que torna tão naturais todos os nossos actos, mesmo aqueles, que aos outros parecem tão difíceis, quasi impossíveis.

É que quando procedemos de acordo com a nossa consciência, as coisas mais difíceis tornam-se fáceis e realizam-se quasi sem que façamos esforço demasiado grande.

Que importa que uma mulher, e tantas há assim, ame profundamente o seu marido e os seus filhos, se desperdiça a sua vida em inúteis visitas, em chás e «Muh Jong», em festas de que nada de útil resulta, e abandona aqueles que o seu coração estremece; a uma vida sem o necessário conforto, que só os cuidados constantes duma esposa e duma mãe podem dar.

Quanta mulher que no fundo é sua alma e do seu cérebro tem qualidades sérias e profundas, faz uma vida ociosa e frívola, porque não sabe equilibrar os seus sentimentos e os seus actos. Fazem essa vida, não porque a apreciam, mas sim porque é aquela que a sua volta vêem fazer e que muitas vezes as contraria e incomoda.

É tudo mudaria com a energia de saber orientar a vida no sentido do dever e de actuar nesse sentido, tornando o seu viver útil para si e para os seus.

É preciso pois ter a coragem de prescrevermos a nós mesmos, de volta à nossa volta e se vimos que vamos por caminho errado, voltar atrás e entrar na senda do dever, que embora espinhoso, muitas vezes, dá sempre consolação e pôr sempre na nossa maneira de proceder ordem e harmonia, indispensáveis a quem quer fazer uma vida séria com um fim útil.

MARIA DE EÇA.

A MODA

Na moda desta estação nota-se uma interessante e custódiosa harmonia nos detalhes que tornam o conjunto duma «toilette» verdadeiramente graciosa.

Como já as nossas leitoras sabem não foram só os vestidos que sofreram uma completa modificação, mas também a roupa de baixo. As combinações cedem o passo aos corpetinhos e às saias em tecidos do algodão, guarnecidas a renda e a fitas como há vinte e cinco e trinta annos.

Estas saias devem ver-se um bocadinho e é muito elegante guarnecer o vestido de lã ou mesmo o de seda, com uma gola ou «jabot» em renda igual à da saia e também uns pequenos punhos. Na verdade este uso dá um aspecto de frescura e juventude à «toilette» que só pode servir para tornar mais graciosa a mulher, além do que é duma grande assistência porque estas golas lavam-se com a maior facilidade tendo sempre um aspecto de novo o vestido com que se usam.

Continuo a chamar a atenção das senhoras para o comprimento das saias que voltam a usar se curtíssimas, o que nem a todas favorece. É se é natural que a mulher goste de usar o que é moda, não devemos esquecer também, que nem tudo o que é moda fica bem a toda a gente, e é preferível não estar no rigor da moda mas apresentar um conjunto mais agradável à vista. As senhoras muito altas e as senhoras fortes, sejam altas ou baixas não ficam bem as saias curtas que lhes cortam a silhueta a umas, e deixa de fora uma extensão enorme de pernas a outras.

Antes de tudo a harmonia e a graça que é o que torna verdadeiramente elegante e «chic» uma senhora.

Não muitas senhoras, muito bem intencionadas, mas para quem as horas e os minutos não existem, e, que fazem nisto um certo laxo, do pior gosto.

Está muito bem que quem vive só, despreze

PÁGINA SFEMININAS

Para de manhã e viagem damos hoje um lindo traje que tendo já a linha moderna conserva o «tailleur» em toda a sua pureza.

São castanha com uns ligeiros «godets» que lhe dão uma elegância amplidão, casaco em «tweed» formando xadrez em bege e dois tons de castanho, um mais claro e outro mais escuro. «Echarpe» fazendo o peitinho, em seda vermelha.

É muito «chic» este ano uma nota de cor viva nas «toilettes» Canatier em palha castanha guarnecido a fita «gras grain».

Os chapéus sofreram uma grande modificação, damos um dos mais elegantes modelos em palha grossa branca, guarnecido com uma laçada de larga fita em «moirée» preta. O preto e o branco continua a ter uma grande voga. É para notar a jóia que fecha a gola do casaco em «moirée» que é dum estilo moderníssimo e muito bonito. Para a noite vestido em «taillatés» roxo com «pau» branco. Este vestido tem uma original saia que resuscita «otournure» de nossas avós. O corpete é fechado e as mangas largas e tuafadas dão-lhe um gracioso aspecto. O penteado moderníssimo termina na testa por três canudos.

Outra «toilette» de noite estilo 1836 em «faille» verde mar é toda guarnecida a galões de contos de ouro e prata. O corte da saia é aquele que usaram as nossas avós. O corpo do vestido é guarnecido por uma «berthe» toda bordada e con-



tas que termina por um bico nas costas. O penteado da mesma época dá a este conjunto um aspecto de retrato de «album» de família.

Não podemos esquecer os trajes de manhã e de casa que são indispensáveis a mulher que é sempre senhora.

Damos um gracioso «sant-de-lit» em lã cor de rosa fina e leve, que pode ser feito em setim ou qualquer outro tecido, apesar de ser mais prática e talvez mais bonito em lã.

É guarnecido com um grosso cordão em seda cor de rosa em volta do pescoço e na cintura, terminando por duas grandes borlas em seda. As mangas largas dobram num amplo e bonito canhão.

É prático, cómodo e bonito o que é sempre para atender. Indispensável num enxoval de noiva e da maior utilidade para todas as senhoras que não devem esquecer que tão bonitas devem ser de manhã em casa, como num baile à noite.

UMA ESTRANHA INDÚSTRIA

Nos países da Europa Central vivem quasi mil mulheres duma industria, que é certamente das mais estranhas que existem. A industria de fazer crescer e recolher cabelo natural, para fazer cabeleiras para as estrelas do cinema.

O pedido de cabeleiras aumenta sempre; sobretudo agora com a crescente voga do filme histórico, que tem um tão bom acolhimento por parte do publico.

Não há muito Stepanoff, o chefe dos cabeleiros duma grande casa teve de fornecer 150 cabeleiras para o filme de Marco Polo.

Ao que ele diz os encarregados da recolha, fazem-no uma vez por ano e, em certas casas as melhores amostras são tomadas com um ano de antecedencia.

As mais procuradas são as tranças naturalmente loiras, de certas escandinavas cujas tranças são pagas com notas de mil.



Em muitas casas este produto da cabeça humana, que não exige grandes despesas para se desenvolver em privilegiadas cabeças, atinge preços fantásticos. O preço duma cabeleira vai muitas vezes até dois contos e, as das grandes estrelas atingem o preço de vinte contos.

UMA ESPADA DE NAPOLEÃO

No verão passado uma historica espada, que pertenceu a Napoleão, foi vendida em hasta publica, em Londres, por trezentos e cinquenta libras. A espada tinha sido tirada, por Joaquim Murat a Murad Rey, durante a campanha do Egipto. Em seguida Murat entre vários trofeus de guerra ofereceu a Napoleão, o qual a usava frequentemente e a tinha consigo na celebre batalha de Waterloo, onde acabou o brilho da estrela do celebre cabo de guerra.

Nessa occasião passou a espada para as mãos do Duque de Wellington, que a ofereceu depois



ao marquês de Anglesey e nos ultimos tempos tinha acabado por pertencer a uma coleção de Lady Dorothy Frazer. Neste leilão a espada foi comprada pelo conselheiro da Embaixada do Egipto em Londres, A. R. Hakkí, por incumbencia da familia real do Egipto.

Passado mais dum século a espada do vencido voltou ao seu país de origem e era uma espada que não trazia fortuna aos que a usavam, porque se Murad Rey foi vencido, Joaquim Murat e Napoleão Bonaparte não tiveram melhor fim.

HIGIENE E BELEZA

A voz é um dos encantos femininos e nem todas as senhoras possuem, uma voz de seceira. Não me refiro à voz para cantar, que essa só as privilegiadas possuem; mas a voz com que se fala, e que é um encanto ouvir, como vibrante cristal ou campainha de prata.

Uma voz bem timbrada e de harmonioso som, conquista a simpatia e é um grande atractivo. Ha pessoas rousas e outras que possuem uma voz natural. Em geral esse defeito provem de vegetações adenoidas ou paralisia das cordas vocais. Na Inglaterra ha escolas onde se ensina a falar e se modificam as vozes mal soantes.

Aqui não existem e quem tem uma voz desagradável tem de a tratar, experimentando as seguintes inhalações, consegue se modificar a voz: Fazer evaporar durante um tempo a lume brando uma quantidade de água a que se mistura al-



coolaro de raiz de acónio 15 gotas, essencia de cravo 2 gotas, tintura de canela 2 gotas.

Aspira-se esse vapor, formando um funil com uma folha de papel forte. Persistindo no tratamento a voz acaba por se modificar e torna-se mais suave.

RECEITAS DE COZINHA

Lombo de porco à Eça: Põe-se a macerar em vinho do Porto ou da Madeira, com sal, pimenta e uma pitada de colorau picante, um bom lombo de porco magro, assando-o no forno sem outro tempero, que não seja a sua própria gordura e o molho em que macerou.

Não esquecer um pouco de azeite ou banha de porco no molho. Como guarnição cozem-se espinafres, com pouca água ou nenhuma, escorrem-se picam-se e misturam-se com leite, manteiga e farinha previamente desfiada no leite, e deixa-se ferver até formar um creme como esparregado, enfeitam-se com triângulos de ovo cozido e tirinhas de pão frito.

Pombinhos com ervilhas: Faz-se um refogado com cebola picada, azeite ou banha de porco. Deixa-se alourar; deita-se-lhe dentro os pombinhos partidos ao meio, pimenta, salsa, noz moscada, e deixam-se refogar lentamente os pombinhos durante 35 ou 40 minutos.

Logo que estejam tenros retiram-se da caçarola. No caldo que fica, refogam-se as ervilhas, e cebolinhas, que depois de prontas se servem à volta dos pombinhos como guarnição e acompanhamento.

DE MULHER PARA MULHER

Branca: Nunca uma mulher deve casar com um sentimento de vingança no coração. Aquele que deseja afrontar e a abandonou nada se importará, que esse ou não com outro, e a esse outro é uma afronta que faz e um ludíbrio. Espere um tempo acalme a sua alma em temperada, e se mais tarde vir, que esse outro a ama ainda e que o poderá amar, case então e seja muito feliz.

Se não se desespera não vale a pena chorar um ingrato e muito menos quando tem essa falta de sentimentos.

Triste: Por tão pouco não vale a pena estar triste. A sua mãe tem muita razão em querer ter a certeza de que não lhe fará mal fazer desporto. Só representa essa opposição o carinho maternal. Em geral quem tem essa doença precisa ter cuidados durante uns três annos. Depois se estiver curada como é de esperar e desajar fará todos os desportos. O conselho de fazer desporto é para quem pode faz-lo sem perigo e com vantagem para um organismo são. O que lhe fazia muito bem era ginstica respiratória com um bom medico. E não esteja triste, dê graças a Deus, de já estar tão bem.



Bridge

(Problema)

- Espadas — A. D. 2
- Copas — A.
- Ouros — 6, 5
- Paus — 10

- Espadas — R. V. 9 **N** Espadas — — — —
- Copas — R. 10 **O E** Copas — — — —
- Ouros — 8, 2 **S** Ouros — R. V. 9
- Paus — — — — — **S** Paus — A. R. D. 3

- Espadas — 7, 6, 5
- Copas — D. V.
- Ouros — A. D.
- Paus — — — —

Trunfo copas **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga A p. e R p.
S > R c., **O** — A c. (a), **N** — 10 o., **E** — 2 c.
O > D c., **N** — V o., **E** — 3 c., **S** — 2 p.
O > V c., **N** — D o., **E** ou corta de R c.,
 que **S** recorta e faz os seus 3 trunfos separados,
 ou balda-se a R o., cortando **S** com o 2 c.
S joga 2 o., **N** — 3 c. e 4 c., fazendo **S** o 3 o.

(a) Se quando **S** joga R c., **O** — 8 c., **N** — 5 p.,
E — 2 c., **S** — 2 o., **N** — 5 p., **E** — R o. e qual-
 quer carta que jogue só faz o A o.

Um peixe excêntrico

(Problema)

A cabeça de certo peixe mede cinco centímetros. O comprimento da cauda é igual ao da cabeça mais à quinta parte do corpo sem cabeça nem cauda. O comprimento do corpo é igual ao da cabeça, acrescentado com o comprimento da cauda.

Qual é o comprimento deste peixe, desde a cabeça até à cauda?

Um «Rubens» em Moscovo

Descobriu-se uma tela desconhecida, de Rubens, no museu Pouchkine de Moscovo. Este museu havia recebido ultimamente uma tela em mau estado, atribuída a um pintor flamengo, desconhecido. Depois de restaurado, identificou-se esse quadro como sendo de Rubens, devido a certos detalhes de execução e à descoberta, num canto, das letras latinas R. F. com que o genial artista assinava os seus quadros.

Os cavalos não precisam deitar-se para dormir. Um cavalo pode passar meses sem se deitar. Isto torna-se possível porque o cavalo está provido, pela natureza, dum mecanismo muscular que lhe permite descansar as pernas embora se encontre sobre elas.

As pancadas do relógio

(Solução)

Bate cento e cinquenta e seis vezes, e não vinte e quatro como, de repente, parece que é.

O submarino não é uma invenção moderna. Bacon, escrevendo em 1620, diz: «Ouvimos falar numa estranha espécie de barco ou navio que se inventou agora para transportar homens por baixo de água». A primeira experiência com êxito deve-se a Bushnell, na América, em 1775.

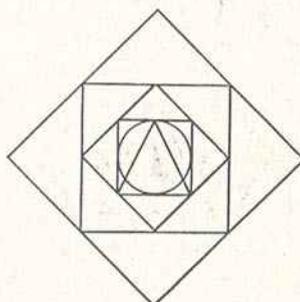
As idades do pai e do filho

(Solução)

O pai tinha 45 anos e o filho 15. Quando o pai tiver 60, o rapaz terá 30.

Traço contínuo

(Solução)



Poderão construir o diagrama que acima se vê com um traço contínuo, sem cruzarem nenhuma linha nem passarem duas vezes pelo mesmo ponto?

Cálculos errados

Uma das maiores dificuldades que Edison tinha de vencer na escolha dos discos de fonógrafo, consistia em avaliar, ou antes adivinhar o gosto do público.

Concluída e posta no devido ponto a sua invenção, Edison quis dar a sua opinião sobre os discos; a seguir a uma audição, indicava o que pensava deles, por três notas: bom, mediocre e mau, conforme o acolhimento que esperava da parte do público.

Mas as coisas tomaram uma feição bem diversa da que ele previa. Em breve se viu que os discos com a indicação «maus», obtinham um invariável êxito.

— Só me resta uma coisa a fazer, — declarou o inventor. — É arranjar uma quantidade de discos que considereis «maus», e as fábricas trabalharão assim noite e dia.

Palavras cruzadas

(Solução)



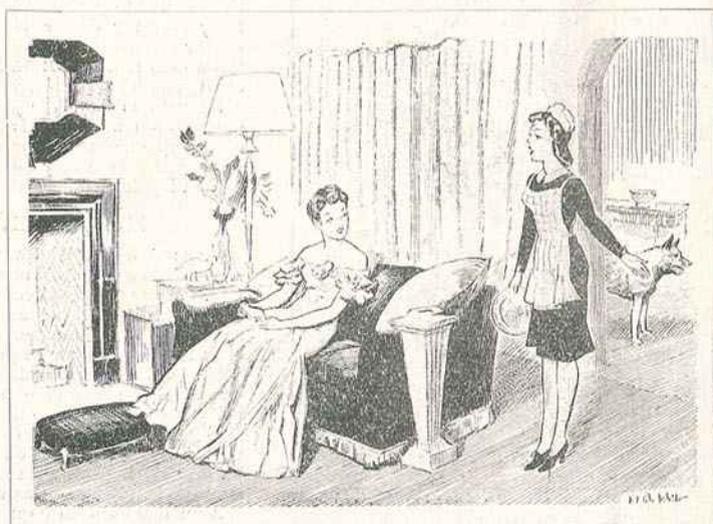
Pode imprimir-se em folhas de vegetais desde que estas sejam lisas e sem pêlos.

As folhas da hera, por exemplo, prestam-se bem para estes trabalhos. Também se podem passar fotografias em folhas operando da maneira seguinte:

Envolve-se a folha em papel negro e deixa-se assim estar durante alguns dias. Depois retira-se o papel e põe-se a folha ao Sol durante um dia coberta pela chapa fotográfica negativa do retrato ou da vista que se quer impressionar. A folha, até este momento, deve manter-se na árvore.

Depois de impressionada, corta-se e mete-se em água fervente durante um ou dois minutos, para que os tecidos morram; em seguida mete-se num banho de álcool, para se desidratar e descorar. Prepara-se uma solução de água oxigenada, onde se mete a folha, e revela-se uma curiosa fotografia de cor violeta.

Um dos autores mais fecundos de todos os tempos foi Didino, de Alexandria, duma vastíssima erudição e extraordinária capacidade de trabalho. Viveu no tempo de Augusto e escreveu mais de 4.000 obras, das quais repetia de cor, o título de cada uma, e que todas se perdiam no decorrer de 20 séculos.



— O senhor já veio, Margarida?
 — Não, minha senhora; foi o «Chibante» que a senhora ouviu rosnar ainda ha pouco.

(Do «The Humorist».)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

Esc. 21.045.116\$72

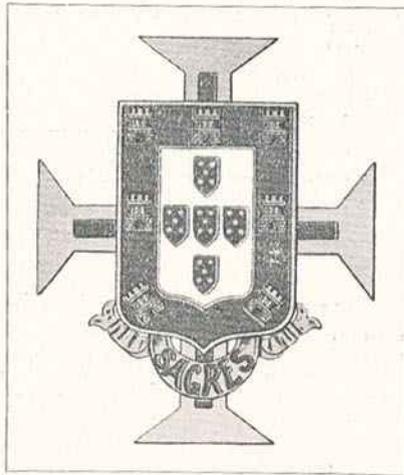
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis,
Responsabilidade civil,
todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938

Esc. 15.863.803\$97

Seguros Postais, Fogo,
Marítimos, Agrícolas
e Cristais

Seguros de Vida
em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

Indispensável a Juizes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiais, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariais), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO DR. LUÍS DE PINA

Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Pôrto

A primeira obra, no género, em Portugal

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatísticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Polícia científica, etc.

Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor, **30\$00**; pelo correio à cobrança, **33\$00**

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

COLECCÃO P. B. FAMILIAR

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Divida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário duma mulher
O anjo do lar
A força do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE \$60
Simples \$30

Unicos importadores
CASA HAVANEZA—LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosissimo volume ilustrado

6\$00

Deposítaria:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

**DESPORTOS
EDUCAÇÃO FÍSICA
E ESTADO**

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch. **8\$00**
Pelo correio à cobrança **9\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4\$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

OBRAS
DE
JULIO DANTAS

PROSA

- ABELHAS DOIRADAS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- (1.^a edição), 1 vol. br. 15\$00
- ALTA RODA — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AO OUVIDO DE M.^{me} X. — (5.^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- ARTE DE AMAR — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.^o millhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- CARTAS DE LONDRES — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- COMO ELAS AMAM — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- CONTOS — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DIALOGOS — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DUQUE (O) DE LAFÈS E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. 1\$50
- ELES E ELAS — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ESPADAS E ROSAS — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ETERNO FEMININO — (1.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- EVA — (1.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- GALOS (OS) DE APOLO — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- MULHERES — (6.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- OUTROS TEMPOS (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- PÁTRIA PORTUGUESA — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. 12\$50
- POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPIRITO — (Conferência), 1 fol. 2\$00
- UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. 1\$50
- VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

POESIA

- NADA — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SONETOS — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. 4\$00

TEATRO

- AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- CARLOTA JOAQUINA — (3.^a edição), 1 vol. 3\$00
- CASTRO (A) — (2.^a edição), br. 3\$00
- CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.^a edição), 1 vol. br. 1\$50
- CRUCIFICADOS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- D. JOÃO TENÓRIO — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- MATER DOLOROSA — (6.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- 1023 — (3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- O QUE MORREU DE AMOR — (5.^a edição), 1 vol. br. 4\$00
- PAÇO DE VEIROS — (3.^a edição), 1 vol. br. 4\$00
- PRIMEIRO BEIJO — (5.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- RBI LEAR — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- REPOSTEIRO VERDE — (3.^a edição), 1 vol. br. 5\$00
- ROSAS DE TODO O ANO — (10.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- SANTA INQUISIÇÃO — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SEVERA (A) — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- SOROR MARIANA — (4.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- VIRIATO TRÁGICO — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

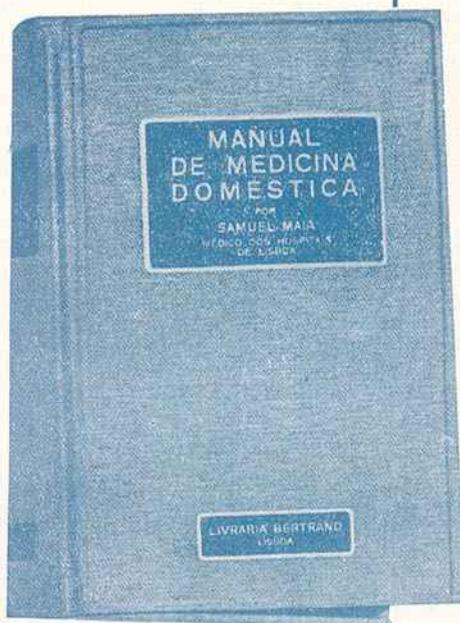
E assim, quando na **ausência de médico** por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



UMA NOVA EDIÇÃO

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

POR
CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

★ ★

QUINTA EDIÇÃO

Actualizada na grafia e copiosamente ampliada

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinquenta vocábulos do que a edição anterior

★

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19
com 2.400 páginas, aproximadamente

A LIVRARIA BERTRAND desejando facilitar a aquisição desta grande obra, resolveu fazer a sua venda em tomos de 80 páginas, a

Esc. 9\$00 cada tómo

Pelo correio à cobrança, mais 1\$20

Já está à venda o 1.º tómo

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA